

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAMILA CRISTINA GAZZOLA SCHIFFL

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS DA JUVENTUDE CATÓLICA
NO BRASIL SOB A PERSPECTIVA DA RCC (1980-2011)**

CURITIBA

2012

CAMILA CRISTINA GAZZOLA SCHIFFL

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS DA JUVENTUDE CATÓLICA
NO BRASIL SOB A PERSPECTIVA DA RCC (1980-2011)**

Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado em Pesquisa Histórica como requisito parcial à conclusão do curso de História – Licenciatura e Bacharelado, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a Dra. Karina Kosicki Bellotti.

CURITIBA

2012

Agradecimentos.

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais, Jones e Anardete, que me abarrotaram de livros para ler desde a infância, que inculcaram em mim a paixão pelo conhecimento e que nunca tentaram me desiludir da ideia de que posso mudar o mundo. Admiro e respeito vocês enormemente, obrigada por apoiarem minhas decisões do começo ao fim. Dedico este trabalho a vocês.

Sou grata aos meus Irmãos de coração: Cátia, Caroline, Gabriel e Fernanda que tiveram participação importantíssima na formação da minha personalidade desde os tempos de Ensino Fundamental e são com quem passo meu tempo, faço festa e divido minhas dores, esperanças, dúvidas e paixões. Agradeço também a Maria Cecília Kloster, pela amizade e por me ajudar na busca pelas minhas fontes.

Agradeço a minha tia Ana Rita e minha prima Victória – minha segunda família – por terem me dado uma cópia da chave do seu QG, a poucas quadras da universidade, onde eu tinha um lugar quentinho para estudar no tempo entre as aulas ou para passar um final de semana quando estava cheia dos estudos e da minha casa. Também sou grata às queridas Rafaela e Ludmila: vocês são parte fundamental do meu crescimento.

Aos amigos da História, pessoas com quem tive a honra de conviver durante meus anos na universidade, dividir opiniões e experiências. Clara, Tamyres, Thiago, André, Stella, Angelita e Melina, agradeço por me fazerem querer ir até o fim. Sou grata especialmente à Celina, meu braço direito pra qualquer negócio, com quem aprendi muito sobre mim mesma. E agradeço, também de forma especial e com muito amor, ao Luis Guilherme, companhia infalível nestes quatro anos de graduação, com quem aproveitei momentos de todo o tipo e tive as mais longas conversas sobre História, política, música, viagens, sobre um monte de bobagens, sobre as últimas bandas que ele descobriu e os últimos romances que eu li.

Agradeço a professora Karina Kosicki Bellotti pela paciência, dedicação e cobrança, por lembrar-se da minha pesquisa sempre que esbarrava em algum material interessante e pertinente, por sanar minhas dúvidas e inseguranças,

ajudando-me a dar contornos a uma discussão pela qual eu já nutria interesse desde a adolescência.

Sou grata, por fim, à coordenação geral da Renovação Carismática em Curitiba e ao Grupo de Jovens Leão de Judá, principalmente ao então coordenador do grupo Mario Lopes Junior e aos participantes que cederam entrevista para esta pesquisa, por terem me recebido em suas reuniões e se disponibilizado prontamente a participar.

Resumo.

Este trabalho tem como objetivo discutir os processos da formação de uma maneira de “ser jovem” – ou de uma “identidade cultural jovem” – *proposta* pela religião católica (mais amplamente) e pela Renovação Carismática Católica (no Brasil), e *resignificada* pelos próprios jovens adeptos do movimento carismático, ao longo das duas últimas décadas do século XX e da primeira década do século XXI. A documentação utilizada para dar corpo à discussão conta com discursos voltados ao nicho jovem datados de 1985 a 2010 dos dois últimos pontífices em atividade, com duas apostilas de formação da Renovação Carismática destinadas à juventude e um conjunto de entrevistas realizadas em 2011 com membros jovens do movimento carismático da cidade de Curitiba/PR. Ao longo de três capítulos, discute-se de que maneira a Igreja Católica idealiza o “jovem católico”, que papéis atribui à juventude na busca por visibilidade do catolicismo no mundo atual, que estratégias a Renovação Carismática adota para atrair e manter a juventude em seus mecanismos de funcionamento e como estas idealizações e estratégias permeiam o sentimento de “ser jovem” na mentalidade dos participantes.

Palavras-chave: *Identidade Cultural, Juventude, Renovação Carismática Católica.*

Sumário.

Introdução	7
Capítulo 1: Identidade jovem no catolicismo: notas conceituais e contextuais. ..	10
1.1 Cultura e Identidade Cultural.....	10
1.2 O quadro religioso brasileiro e o lugar do catolicismo.	14
1.3 Juventude.....	19
Capítulo 2: Idealizações, expectativas e interpretações católicas e carismáticas do jovem elaboradas pelo mundo adulto.....	24
2.1 Um caminho: os direcionamentos oferecidos ao jovem católico brasileiro na RCC.	31
2.1.1 Ministério Universidades Renovadas (MUR).	34
Capítulo 3: Identidade juvenil carismática: interpretações e resignificações próprias.	37
Considerações finais	48
Referências bibliográficas	51
Anexos: Entrevistas com jovens do Grupo Leão de Judá / Curitiba.....	55

Introdução.

Este trabalho dedica-se a discutir os processos da formação de uma maneira de “ser jovem”, embasada e proposta pela religião católica ao longo das duas últimas décadas do século XX e da primeira década do século XXI, tomando como base a experiência dos jovens participantes da Renovação Carismática Católica no Brasil.

Com as novas tecnologias de comunicação e a conseqüente globalização, o leque de opções culturais oferecido aos indivíduos se ampliou enormemente. Segundo Stuart Hall, “as sociedades modernas são, por definição, sociedades de mudanças constantes, rápidas e permanentes”.¹ São sociedades atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem para os indivíduos uma variedade de opções de “posições de sujeito” – isto é, identidades.² As identidades religiosas não escapam desta realidade. Há uma pluralidade imensa de possíveis escolhas para adesão religiosa, pelas quais a população pode transitar tão logo se julgue necessário, fazendo com que as igrejas estejam em constante competição.

A delimitação temporal adotada aqui tem como ponto de partida o papado de João Paulo II (1978-2005), pontífice que elaborou sua atuação no comando da Igreja Católica buscando novos meios de evangelização e inserção nesta realidade competitiva, e que inaugurou discursos papais voltados exclusivamente e exaustivamente à juventude, ganhando dela grande simpatia e ficando conhecido inclusive como “papa dos jovens”. Este papado veio no esteio das propostas de redefinição da Igreja frente à modernidade levantadas pelo Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965, das quais também se originou a Renovação Carismática Católica, movimento de reavivamento espiritual surgido da década de 1960 nos Estados Unidos que incorporou elementos midiáticos na sua catolicidade.

Neste contexto de mudanças e identidades flexíveis, de acordo com Regina Novaes, são os jovens que têm maiores chances de dar nova visibilidade

¹ HALL, Stuart. **A Questão da Identidade Cultural**. Tradução de A. B. M. Jacinto e S. M. Frangella. Textos didáticos-IGCH/UNICAMP. Nº 18 – Junho de 2003. 3ª edição. Página 13.

² *Idem*. Página 15.

à religião e atualizar os sentidos e funções dela na sociedade³. Partindo disto, ao pensarmos na juventude católica carismática, cabem alguns questionamentos: De que maneira a Igreja Católica idealiza o “jovem católico”? Que papéis atribui à juventude na busca por visibilidade do catolicismo no mundo atual? Que estratégias a Renovação Carismática adota para atrair e manter a juventude em seus mecanismos de funcionamento? Como estas idealizações e estratégias permeiam o sentimento de “ser jovem” na mentalidade dos participantes?

Para desenvolver tal discussão, ao redor destes questionamentos, analisa-se um *corpus* documental composto por: a “Carta aos Jovens”, redigida em 1985 pelo então papa João Paulo II; a coletânea de textos datados entre 2005 e 2010 do pontífice Bento XVI intitulada “Bento XVI fala aos jovens: A proposta da vocação cristã no mundo contemporâneo”; a apostila de formação do “Ministério Jovem” da RCC, elaborada por Aldo Quiroga e Fabiana Flores; o material organizacional e de divulgação do “Ministério Universidades Renovadas (MUR)” no formato perguntas/respostas elaborado por Irecê Correia junto à Equipe Nacional de Serviço do MUR em 2008; e um grupo de entrevistas realizadas no segundo semestre de 2011 com jovens carismáticos do Grupo de Jovens “Leão de Judá” da Arquidiocese de Curitiba.

A documentação é analisada sob a perspectiva da História Cultural das Religiões. Segundo Karina Kosicki Bellotti, em seu artigo “Mídia, Religião e História Cultural”, na concepção de Mark Poster, uma característica fundamental da História Cultural é a recusa de categorias totalizantes. “Os historiadores culturais não tomam como naturais categorias como gênero, classe social, raça, etnicidade, identidade, experiência”⁴, ao contrário, questionam como se dá, em determinados grupos sociais, a construção da noção dessas categorias e quais os sentidos e implicações dessa construção. No caso da religião, “o que devemos fazer é entender como diferentes crenças e práticas fazem sentido para as pessoas e os grupos que as adotam, em contextos históricos específicos”⁵ – no

³ NOVAES, Regina. **Os Jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo**. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. Página 137.

⁴ BELLOTTI, Karina Kosicki. **“Mídia, Religião e História Cultural”**. *Revista de Estudos da Religião*. Nº4, 2004. Página 98.

⁵ Idem.

caso do presente trabalho, entender como as crenças e práticas católicas e carismáticas ganham sentido para os jovens adeptos de 1980 a 2011.

Outra característica atribuída por Poster à História Cultural é o papel da linguagem como geradora de sentido. Para o historiador cultural o documento histórico não nos informa uma realidade concreta, mas é um indício textualizado do passado (com contexto de produção específico) a ser lido, “o que faz da História um discurso e não o relato de uma verdade”.⁶ Nesse sentido, as fontes aqui analisadas são tomadas como lugar de símbolos, significados e representações religiosas, produzidos com conteúdos, finalidades e autores específicos.

Com esta percepção, dividiu-se este trabalho em três capítulos. O primeiro deles sustenta-se no levantamento das discussões sobre os conceitos de cultura e identidade cultural; na discussão sobre as mudanças no cenário religioso brasileiro nas duas últimas décadas do século XX e da primeira década do século XXI e que lugar ocupam, neste cenário, respectivamente, o catolicismo e a Renovação Carismática Católica; e, por fim, no debate acerca do conceito juventude, seus anseios identitários e possibilidades dentro do quadro religioso atual.

O segundo capítulo dedica-se à análise dos documentos voltados aos jovens produzidos pelo universo adulto destas instituições (a Igreja Católica, mais amplamente e a RCC, localmente). O objetivo é, em primeiro lugar, através dos discursos dos dois últimos pontífices em atividade, refletir sobre como a Igreja Católica, em seu discurso oficial, idealiza, transmite expectativas e se adapta ao nicho jovem. Em segundo lugar, através dos materiais de formação da RCC no Brasil, debater, principalmente, que esforços são empreendidos no fortalecimento da identidade e na manutenção de seus fiéis jovens, uma vez que, para que não migrem para outra denominação religiosa, o sentimento de pertença destes deve ser reafirmado diariamente.

Por último, no terceiro capítulo, por meio das respostas obtidas em entrevistas, analisam-se os elementos que compõem o discurso dos jovens carismáticos quando instigados a definirem quem são.

⁶ Idem. Página 98 e 102.

Capítulo 1:

Identidade jovem no catolicismo: notas conceituais e contextuais.

Este capítulo dedica-se a três eixos que se inter-relacionam e são fundamentais para a compreensão de como se daria a formação de uma identidade cultural jovem dentro do catolicismo. O primeiro diz respeito à reflexão acerca do conceito de cultura adotado na modernidade e de como a formulação de uma identidade cultural individual ou coletiva está sujeita a uma vastíssima gama de possibilidades que são oferecidas pelo mundo globalizado e competem entre si. O segundo eixo avalia qual o lugar ocupado pelas expressões religiosas nesta competição e, mais especificamente, o conflito que o catolicismo enfrenta ao ter que articular seu discurso tradicional às posturas e estratégias próprias da modernidade. Por fim, o terceiro e último eixo corresponde à discussão sobre a definição do conceito de juventude e de como este conceito está, hoje, profundamente interligado às características de globalização, competição e consumo da modernidade.

1.1 Cultura e Identidade Cultural.

O termo “cultura”, até o final do século XIX, esteve associado somente à idéia de refinamento. Ser “culto” significava encontrar-se no mais alto patamar da compreensão e apreciação daquilo que há de mais belo, daquilo de melhor e mais bem elaborado que já foi pensado e dito.⁷ Pressupunha-se uma evolução cultural em que os diferentes indivíduos e povos estariam localizados mais próximos à aquisição máxima de cultura, considerados civilizados, ou mais distantes, sendo selvagens ou bárbaros. A cultura seria assim um ornamento da existência humana passível de ser adquirido, ou não.

Antropólogos culturais do início do século passado atribuíram um novo sentido ao termo, quando, diante das populações alvo de suas pesquisas,

⁷ Este conceito, do século XIX, foi elaborado pelo humanista inglês Mathew Arnold. MATHEWS, Gordon. **Cultura Global e identidade individual à procura de um lar no supermercado cultural.** Bauru, SP: EDUSC, 2002. Página 16.

perceberam a existência de padrões discretos de cognição, valores e comportamentos compartilhados pelos membros de cada um desses grupos em oposição aos demais. Neste sentido, instituiu-se que “*não há apenas uma cultura universal a qual os seres humanos estão em várias etapas a ponto de atingir*”,⁸ mas que cada sociedade possui sua própria cultura, sistemas particulares e coerentes, essenciais para a existência humana, que não podem ser hierarquizados. Este ponto de vista sintetizou “cultura” como o “modo de vida de um povo” e prevaleceu na maior parte do século passado.

Para o sociólogo jamaicano Stuart Hall, nas ciências sociais, o que diferencia a “ação social” das ações fruto da programação genética, biológica ou instintiva é que ela requer e gera significado. Ou seja, agir socialmente gera significado tanto para aqueles que agem quanto para os que observam: “*os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido*”⁹, suas ações derivam de variados sistemas de significado que utilizam para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Tomados em seu conjunto, estes sistemas constituem nossas “culturas”.

A partir das últimas décadas do século XX, segundo o sociólogo Gordon Mathews, em um mundo de fluxos e interações globais de pessoas, de capital e de ideias “*não se pode facilmente pensar em uma cultura como algo que as pessoas em um determinado lugar no mundo têm ou são, em comum, em oposição a outros povos em outros lugares*”.¹⁰ A definição da cultura como o modo de vida de um povo é, hoje, problemática. A diversidade e inter-relação dentro das diferentes sociedades são tão intensas que já não se pode falar facilmente de “cultura japonesa” ou “cultura americana” como unificadas, distintas, incomunicáveis.

Os meios de produção, circulação e troca cultural têm se expandido, através das tecnologias e da revolução da informação. A nova mídia eletrônica possibilitou a compressão do tempo e do espaço, anulando a distância entre pessoas e lugares, causando uma revolução cultural a nível global que teve impacto sobre os modos de viver dos indivíduos, sobre os sentidos que dão à

⁸ *Idem*. Página 17.

⁹ HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. Página 15.

¹⁰ MATHEWS, Gordon. *Op. Cit.* Página 21.

vida, sobre suas aspirações para o futuro e sobre a cultura num sentido mais local¹¹. Nas sociedades globalizadas, a cultura passa a ser formulada em conjunto com os elementos e informações disponíveis, numa espécie de supermercado global, para serem escolhidos e apropriados pelos indivíduos, estejam eles onde estejam. *“Ecletismo é o grau zero da cultura contemporânea geral: a pessoa ouve reggae, assiste a um filme de faroeste, come no McDonald’s no almoço e cozinha local no jantar, usa perfume francês em Tóquio e roupas retro em Hong Kong”*¹²

Para Mathews, entretanto, a formação cultural do “eu”, ao mesmo tempo em que não é confinada a um determinado lugar, também não é radicalmente aberta, livre e totalmente sujeita à escolha consciente. O autor argumenta que existem três níveis de consciência da formação cultural do “eu”. O primeiro nível compreende aquilo que se forma abaixo do nível de percepção, ou seja, que é aceito sem questionamento. Um exemplo é a linguagem, que utilizamos de modo “automático” e que *“aparece para a criança como sendo inerente à natureza das coisas, e ela não consegue dominar a noção de sua convencionalidade”*¹³.

O segundo e intermediário nível compreende aquilo que devemos fazer como membro de nossas sociedades, quer gostemos ou não. Estas ações culturais são tão tradicionais e corriqueiras que só são acessadas pela consciência com esforço. É o caso de pagar impostos, parar em sinaleiros, entre outros exemplos. *“Muito do comportamento humano está baseado [...] em nossa submissão às pressões exercidas pelo mundo social ao nosso redor, às quais podemos resistir somente a um alto preço”*¹⁴, ou seja, todas as pessoas vivem ao compasso de regras culturais e sociais das quais estão cientes, mas sobre as quais tem pouca ou nenhuma margem de escolha, devendo adaptar-se a elas.

O terceiro nível de formação cultural do “eu” é, por sua vez, inteiramente consciente e envolve as escolhas do sujeito frente ao “supermercado cultural”. *“É o nível no qual os eus sentem que pegam e escolhem livremente as ideias pelas quais querem viver”*¹⁵. É o caso da preferência por música clássica, rock ou

¹¹ HALL, Stuart. *Op. Cit.* Página 16.

¹² LYOTARD, J. F. **The postmodern condition**: a report on knowledge. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984. Página 76. *Apud.* MATHEWS, Gordon. *Cultura Global e identidade individual. Op. Cit.* Página 22.

¹³ BECKER, E. **The birth and death of meaning**. 2ed. Nova York: Free Press, 1971. Página 148. *Apud.* MATHEWS, Gordon. *Cultura Global e identidade individual. Op. Cit.* Página 41.

¹⁴ MATHEWS, Gordon. *Op. Cit.* Página 43.

¹⁵ *Idem.*

reggae, pela posição política conservadora ou liberal, ou da adesão ao cristianismo, budismo ou ateísmo, dentre alguns dos milhares de exemplos possíveis. Mathews deixa claro, no entanto, que essa escolha de valores e interesses embora seja inteiramente consciente, não é inteiramente livre. As escolhas são feitas de acordo com a classe, o gênero, a etnia e a formação pessoal do indivíduo, isto é, de acordo com a formação desenvolvida nos dois primeiros níveis.

Partindo da definição de “identidade” proposta por Anthony Giddens¹⁶ como o sentido que o “eu” tem de quem é, podemos pensar “identidade cultural” como a forma com que as pessoas entendem, concebem e rotulam quem, culturalmente, são. Uma vasta gama de identidades culturais está disponível para ser adquirida, abandonada ou reformulada. Segundo Stuart Hall, “as sociedades modernas são, por definição, sociedades de mudanças constantes, rápidas e permanentes”.¹⁷ Isto produz o sujeito pós-moderno, isento de identidade fixa, permanente ou essencial.

“a identidade tornou-se uma ‘festa móvel’: formada e transformada continuamente em relação às maneiras pelas quais somos representados e tratados nos sistemas culturais que nos circundam. [...] O sujeito assume identidades diferentes em momentos diversos”¹⁸

É importante reforçar que, embora exista, esta mobilidade de identificação é condicionada por uma série de fatores. O primeiro, já citado, é que o mundo social em que o indivíduo está inserido funciona como um censor, peneirando as proposições culturais que lhe parecem plausíveis, aceitáveis e passíveis de apropriação¹⁹. O indivíduo não tem ao seu dispor todas as opções do supermercado cultural: elas são restritas pelas pressões exercidas pelo mundo social ao seu redor.

Outro fator relevante é que, assim como no mercado material, em que o espaço nas prateleiras não é igualmente distribuído – alguns produtos ficando no centro em prateleiras visíveis, ao contrário de outros que ficam muito no alto ou

¹⁶ GIDDENS, A. **Modernity and Self-identity**: Self and Society in the late Modern Age. Stanford, CA: Standard University Press, 1991. Páginas 53-54 *Apud*. MATHEWS, Gordon. *Cultura Global e identidade individual*. *Op. Cit.* Página 47.

¹⁷ *Idem*. Página 13.

¹⁸ HALL, Stuart. **A Questão da Identidade Cultural**. Tradução de A. B. M. Jacinto e S. M. Frangella. Textos didáticos-IGCH/UNICAMP. Nº 18 – Junho de 2003. 3ª edição. Página 11.

¹⁹ MATHEWS, Gordon. *Cultura Global e identidade individual*. *Op. Cit.* Página 57.

próximos do chão, longe da vista do consumidor – no mercado cultural alguns artigos têm mais visibilidade do que outros, influenciando as preferências e escolhas. Além disso, alguns artigos culturais parecem ser mais essenciais e deter maior significância do que os outros: a decoração da casa, por exemplo, pode ser menos importante para a identidade do que a escolha de uma religião – que estará no âmago de uma série de escolhas subsequentes.

Um último fator também de extrema importância é que as identidades pessoais e coletivas, a primeira dizendo respeito ao sentido que alguém tem de si mesmo, à parte dos outros, e a segunda referindo-se a quem a pessoa sente ser em comum com as demais, caminham interligadas. As opções culturais são feitas perante cobrança e para desempenho na negociação com outros indivíduos. *“A identidade cultural de uma pessoa se realiza quando essa deve convencer as outras quanto a sua validade: deve-se ter o conhecimento e a delicadeza social para convencer aos outros de que não é um impostor”*²⁰.

Este quadro geral configura uma crise de orientação cultural, na qual o indivíduo, imerso no pluralismo, perdeu a capacidade de se orientar em meio a tantas alternativas: *“tudo se encontra questionado, nenhuma resposta é eterna, não há valores únicos que determinem o agir nas áreas da vida, há sempre a possibilidade do desconhecido”*.²¹ Isso acarreta insegurança e um peso muito grande para o indivíduo, que tem a todo o momento que discernir, deliberar e se posicionar.

1.2 O quadro religioso brasileiro e o lugar do catolicismo.

As expressões religiosas não ficam à parte da realidade de supermercado cultural. *“Com a intensificação da globalização, o campo religioso das diferentes*

²⁰ *Idem*. Página 57-58.

²¹ A frase é de Brenda Carranza, embora a autora atribua a ideia a Peter Berger e Thomas Luckmann. BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno. Petrópolis: Vozes, 2004. Página 53-55 Apud. CARRANZA, Brenda. **Perspectivas da neopentecostalização católica**. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo. *Op. Cit.* Página 51.

sociedades nacionais tende a se pluralizar e os monopólios religiosos são ameaçados".²²

Esta pluralização é consequência do respeito à liberdade de escolha, à autonomia do sujeito e da troca intensa entre culturas, como explanado anteriormente. A *religiosidade* – a forma com que os indivíduos vivem suas crenças e práticas religiosas, independente de filiação institucional – pode, assim como a *identidade*, ser inconstante, sujeita a questionamentos, pressões, incentivos, etc.²³ Esta possibilidade de transitar entre uma experiência religiosa e outra, gera uma forte competição entre os bens simbólicos oferecidos pelas igrejas, levando-as a adaptar suas mensagens ao público, que passa a ser visto como fiel-consumidor.

Leonildo Silveira Campos, em um estudo estatístico da diversidade cristã brasileira, valeu-se de números oriundos do Censo IBGE (desde 1940), de dados de pesquisas como o DataFolha e Fundação Getúlio Vargas, bem como de constatações de investigações norte-americanas, para construir gráficos conclusivos sobre os caminhos traçados pelas diversas denominações cristãs (católicos, evangélicos históricos e pentecostais) ao longo da segunda metade do século XX.

De acordo com o autor, o que se pôde perceber, pelos dados do IBGE de 1940 a 2000, foi a queda na porcentagem de católicos (de 95,2% da população para 73,9%), o aumento percentual de evangélicos (de 2,6% para 15,6%) e pertencentes a outras religiões (1,9% para 3,5%), bem como a explosão dos denominados “sem religião” (saindo de uma marca quase imperceptível de 0,2% para atingir 7,4%).²⁴ Em números absolutos, de 1990 a 2000, os católicos saíram dos 122.365.302 (83,3%) e chegaram a um total de 125.517.222 (73,9%), um aumento de apenas 3.151.920, mas uma queda de 9.4 pontos percentuais. Os evangélicos dobraram em números absolutos, aumentando de 13.157.094 (9%)

²² MARIZ, Cecília Loreto. **Catolicismo no Brasil Contemporâneo: reavivamento e diversidade**. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. Página 53.

²³ BELLOTTI, Karina Kosicki. “**Mídia, Religião e História Cultural**”. Revista de Estudos da Religião. Nº4, 2004. Página 110.

²⁴ CAMPOS, Leonildo Silveira. **Os Mapas, Atores e Números da Diversidade Religiosa Cristã Brasileira: Católicos e Evangélicos entre 1940 e 2007**. Revista de Estudos da Religião dez/2008. Página 13.

para 26.452.174 (15,6%) e os sem religião saíram de números muito baixos até alcançar, no ano 2000, a marca de 12.492.189.²⁵

O Novo Mapa das Religiões, divulgado em 2011 pela Fundação Getúlio Vargas, traz dados mais atualizados que demonstram, a partir da Pesquisa de Orçamentos Familiares, que entre 2000 e 2003 a proporção de católicos manteve-se estável (com 73,79%), entretanto voltou a cair nos anos seguintes até atingir 68,43% em 2009. Os evangélicos – tanto tradicionais quanto pentecostais – seguiram a trajetória de crescimento, alcançando em 2009 a marca de 20,2%, as demais religiões também cresceram, aparecendo nestas pesquisas com 4,62% e os sem religião chegaram a decair para 5,1% no início da década, mas voltaram a subir, chegando aos 6,72%.²⁶

Fica evidente, a partir desses dados, um contínuo e acelerado crescimento de expressões religiosas *não católicas romanas* ao longo do período, evidenciando um país cada vez mais evangélico por um lado, e mais secularizado de outro.

Além disso, mesmo dentro do catolicismo, a bagagem cultural própria de cada fiel ou de cada grupo de leigos desempenha um papel diversificador da experiência de ser católico, à medida que há uma espécie de sincretismo, uma fusão dos símbolos oferecidos pela Igreja e aqueles que compõem a realidade que os cerca. Resultado disso é um pluralismo interno, formado por grupos como Opus Dei, Redentoristas, Maristas, RCC, etc., cada um com propostas e estratégias autônomas (embora intencionem consonância com a Igreja Católica).

Esta “crise do catolicismo”, de proporções globais, fruto das tensões da modernidade e da concorrência religiosa motivou profundas transformações na Igreja, que passou a aderir aos meios de comunicação de massa e procurar seu espaço em meio à sociedade de consumo. O Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 e 1965, é considerado marco inicial no reconhecimento da Igreja da necessidade de tomar novos rumos frente à modernidade, propondo que se prestasse atenção aos “sinais dos tempos” para repensar a presença da Igreja no mundo. O papado de João Paulo II, seu carisma midiático e seu apelo ardoroso de “evangelizar por todos os meios”, são considerados, por sua vez, a

²⁵ *Idem*. Página 17.

²⁶ **Novo Mapa das Religiões** / Coordenação Marcelo Côrtes Neri. – Rio de Janeiro: FGV. CPS, 2011. Página 7-8.

consolidação deste processo (uma das razões pelas quais a década de 1980 foi escolhida como início do recorte temporal adotado nesta pesquisa). Nas palavras de João Paulo II:

“Hoje [se coloca] a exigência de testemunhar o Evangelho através dos meios de comunicação. Estes meios alcançaram uma capacidade de irradiação mundial, graças a tecnologias potentíssimas capazes de atingir qualquer ângulo da terra. As pessoas consagradas, sobretudo quando operam neste campo por carisma institucional, devem adquirir um conhecimento sério da linguagem própria destes meios, para falar eficazmente de Cristo ao homem de hoje.”²⁷

Além disso, segundo Cecília Mariz, essa crise do catolicismo “*parece estar sendo acompanhada por um relativo reavivamento religioso*”.²⁸

“a competitividade criada por uma situação de pluralismo religioso fomentaria a participação confessional, ou seja, maior mobilização religiosa. A perda do monopólio de uma religião, como no caso a Igreja Católica no Brasil, [...] induziria a uma renovação dessa religião trazendo aumento no fervor e na prática dos fiéis”²⁹.

Isto é, a competitividade criada por uma situação de pluralismo e perda de monopólio da Igreja motiva aqueles que já professam a fé católica a frequentar mais as missas e as atividades religiosas, bem como a demonstrar, expor e propagandear com maior fervor as suas crenças.

A Renovação Carismática Católica faz parte deste contexto ao propor uma “nova forma de ser Igreja” baseada em um fervoroso reavivamento espiritual e estratégias de inserção nas grandes mídias. Surgiu na década de 1960 em Pittsburgh nos Estados Unidos e chegou ao Brasil no início da década de 1970, instalando-se primeiramente em Campinas-SP e Telemaco Borba-PR. Esse movimento é a expressão católica do movimento mais amplo de pentecostalização, alicerçado no relato bíblico de Pentecostes (Ato dos Apóstolos, 2, 42), que destaca os dons e carismas do Espírito Santo como meios de santificação pessoal e de serviço na Igreja, e adota práticas como glossolalia (falar em línguas ininteligíveis), repouso no Espírito (êxtase espiritual), curas

²⁷ João Paulo II *apud*. CAMURÇA, Marcelo A. **Tradicionalismo e meios de comunicação de massa: o catolicismo midiático**. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (orgs.). *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida SP: Idéias & Letras, 2009. Página 63.

²⁸ MARIZ, Cecília Loreto. **Catolicismo no Brasil Contemporâneo**. *Op. Cit.* Página 53.

²⁹ Este modelo descrito aqui advém da teoria de mercado religioso de Rodney Stark e Lawrence Iannaccone. MARIZ, Cecília Loreto. *Catolicismo no Brasil Contemporâneo Op. Cit.* Página 55.

milagrosas, revelações divinas, etc.³⁰ O grupo tem sido foco de inúmeras pesquisas, principalmente no campo da Sociologia: autores como Cecília Mariz e Brenda Carranza, argumentam que, além de uma maior participação confessional (na observação de práticas morais e dos sacramentos da Igreja), é própria do comportamento Carismático a busca por uma maior visibilidade dos católicos renovados no cotidiano das paróquias, nos noticiários de TV e jornais, na política eleitoral e na produção de mídia católica. Carranza aponta como características primordiais desse movimento a *espetacularização* e a *personalização*, promovidas através de cristotecas, carnavais de Jesus, Rebanhões, missas-show, programas televisivos e de figuras emblemáticas como Pe. Marcelo Rossi e outros padres e leigos cantores.³¹ Este é o ramo católico que mais cresce numericamente no Brasil, e sua preferência pela mídia como instrumento de difusão é resposta à competição que a Igreja Católica vem tentando estabelecer em relação aos evangélicos pentecostais (principais responsáveis pelo crescimento evangélico e o decréscimo católico, abordados anteriormente).

A RCC configura, por um lado, o que Brenda Carranza chama de “catolicismo midiático”, impulsionando inúmeros projetos que se utilizam da mídia como canal privilegiado de evangelização além de agregar em torno de si as mais variadas propostas de produtos de consumo religioso promovendo uma forte expressão de marketing católico.³² Por outro lado, o uso dos meios de comunicação que a modernidade disponibiliza ocorre justamente na tentativa da Igreja de atrair fiéis e disseminar seus valores morais tradicionais anti-modernos, na corrida contra a secularização e as demais denominações religiosas. Os discursos tornam-se mais tradicionalistas, mais engajados no campo moral e ético, ávidos por controlar sistemas sociais e retomar a estabilidade doutrinária, sem qualquer compromisso com as exigências da racionalidade moderna,³³ configurando um catolicismo extremamente intransigente³⁴.

³⁰ CARRANZA, Brenda. **Perspectivas da neopentecostalização católica**. *Op. Cit.* Página 36.

³¹ CARRANZA, Brenda. **Catolicismo Midiático**. *Op. Cit.* Página 75.

³² CARRANZA, Brenda. **Perspectivas da neopentecostalização católica**. Página 35.

³³ CARRANZA, Brenda. **Catolicismo Midiático**. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. Página 72-73.

³⁴ O termo “catolicismo intransigente” é emprestado por Carranza de Danièle Hervieu-Léger e refere-se justamente à postura *intransigente*, de antimodernismo e retomada da estabilidade doutrinária que a Igreja adota na conjuntura descrita acima.

Portanto, ao mesmo tempo em que a Igreja busca os veículos modernos “de ponta” (mercado editorial, fonográfico, radiofônico, discográfico e internet) para a divulgação de suas ações de evangelização e presença competitiva no mundo, ela adota uma rígida busca pela *reinstitutionalização* e uma firme postura de condenação e confronto em relação ao sistema de valores secularizados e modernos (condenando o aborto, a eutanásia, as pesquisas com células-tronco, o preservativo e a pílula anticoncepcional, a homossexualidade, etc.)³⁵ e mantendo seus discursos conservadores e patriarcais. Trata-se de uma catolicidade de tensão e articulação entre a *mensagem* veiculada (conservadora, tradicionalista) e a *linguagem* utilizada para veiculá-la (midiática, moderna).

1.3 Juventude.

Segundo o sociólogo Luís Antonio Groppo, podemos definir a juventude como uma “categoria” ou uma “situação” social. Estas definições fazem da juventude mais do que um grupo delimitado por uma faixa etária objetiva que compreende o processo de transição entre a infância e a vida adulta³⁶, como tradicionalmente se definiu, ao mesmo tempo que também não fazem da juventude um grupo social concreto e coeso. A juventude é, enquanto categoria ou situação social, uma concepção, uma representação formulada pelos grupos sociais, e pelos próprios sujeitos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes.³⁷

Os sociólogos Regina Novaes, Afrânio Catani e Renato Gilioli reforçam também que a juventude não corresponde a uma condição “natural”, biopsicológica do ser humano, nem a uma faixa etária objetivamente definida, ao contrário, é uma ideia que contempla multiplicidades. É uma categoria histórica e

³⁵ CAMURÇA, Marcelo A. **Tradicionalismo e meios de comunicação de massa: o catolicismo midiático**. *Op. Cit.* Página 72.

³⁶ Sílvia Fernandes aponta a faixa etária como a variável tradicionalmente utilizada para o recorte da juventude. A Organização das nações unidas (ONU), por exemplo, define que o segmento juvenil estaria retratado na parcela da população que corresponde à faixa etária dos 15 aos 24 anos. Outras variáveis também são adotadas para marcar o fim da juventude, tais como a saída do sistema de ensino, o encontro de um emprego regular, constituição de família, etc. FERNANDES, Sílvia Regina Alves. **Jovens Religiosos e o Catolicismo: Escolha, desafios e subjetividades**. Rio de Janeiro: Quartet, 2010. Página 61.

³⁷ GROPPPO, Luís Antonio. **Juventude: ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000. Página 8.

relacional, ou seja, que fundamenta-se em uma construção que varia conforme a época e as condições sociais, políticas e culturais existentes³⁸. Para estes dois últimos autores, trata-se de uma categoria própria do século XX, em especial de sua segunda metade.

De fato, as pesquisas acadêmicas em torno do tema da “juventude” já têm quase um século de tradição consolidada. De acordo com Catani e Gilioli, os primeiros passos foram dados pela Sociologia da juventude norte-americana surgida a partir da década de 1920 com a Escola de Chicago. “A juventude era tratada como problema, estudando-se de que modo os jovens se manifestavam nas ruas das grandes metrópoles dos Estados Unidos” frente aos processos de industrialização, explosão demográfica e chegada numerosa de imigrantes para o país³⁹. As grandes cidades eram encaradas como centros potenciais de criminalidade e tensão social e, os jovens, como símbolo primordial da delinquência e marginalidade, de modo que deveriam ser contidos ou reprimidos pelo Estado e pelos setores organizados da sociedade civil.

Por volta da década de 1940 começa a ganhar corpo uma compreensão de que a juventude poderia ser apontada como um fenômeno cultural comum e relativamente uniforme em todo o mundo adotando-se assim a noção de *cultura juvenil*⁴⁰. Esta noção correspondia, por exemplo, à ideia de que todos os jovens que gostavam de *rock*, independentemente de onde vivam no mundo, compartilhariam de uma cultura musical juvenil similar. Hoje argumenta-se que este apelo ao universalismo encobre diferenças significativas entre os jovens. Segundo Catani e Gilioli, essa “tendência em considerar que há uma cultura juvenil genérica situa-se no auge do Estado de Bem-Estar Social (1945-1975)” quando o consumo, a rebeldia, o *rock’n’roll* e a revolução sexual elegeram o jovem como protagonista da sociedade modernizada⁴¹.

Na década de 1960, os movimentos de contracultura abriram a perspectiva dos jovens como portadores dos rumos de uma nova sociedade a ser construída.

³⁸ Este parágrafo compreende uma síntese do argumento dos três autores: o de Regina Novaes contido em NOVAES, Regina. **Juventude, Religião e Política**. Atualidade em debate. Caderno 52. Rio de Janeiro: Centro João XXIII, 1997. *Apud* FERNANDES, Sílvia Regina Alves. *Op Cit.* Página 62; e o de Afrânio Catani e Renato Gilioli em CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Souza Porto. **Culturas Juvenis**: múltiplos olhares. São Paulo: Editora UNESP, 2008. Página 104.

³⁹ CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Souza Porto. *Op Cit.* Página 90-91.

⁴⁰ *Idem.* Página 90-91.

⁴¹ *Idem.* Página 92.

Os *hippies*, por exemplo, criticavam ou mesmo abandonavam os padrões sociais dominantes da vida regrada pelo ritmo industrial e propunham um retorno à natureza e à vida comunitária, opondo-se às gerações precedentes. É daí que se origina o conceito de “conflito de gerações” e a visão dos jovens enquanto capazes de criarem estruturas autônomas de atuação. A Escola de Birmingham, mergulhada em estudos da cultura juvenil posterior a Segunda Guerra Mundial na Grã-Bretanha, inaugura na década de 1960 uma abordagem do jovem a partir de diversos estilos, ou seja, de diversos grupos formados a partir das preferências e dos gostos “*que compartilhavam em relação à música, à indumentária e à maneira visual de se apresentar perante os outros*”⁴². O jovem emerge, aqui, enquanto ator social, estabelecendo estruturas autônomas e agregando-se em grupos identitários ligados à classe social, ao posicionamento político, ao gosto musical, etc., fato que colocava em xeque a ideia de uma cultura juvenil homogênea, levando os pesquisadores a trabalhar com a possibilidade de “subculturas” juvenis, no plural.

Os estudos recentes, tomados a partir da década de 1980, converteram-se em estudos culturais nos quais “se analisa a influência cada vez maior das culturas juvenis sobre as indústrias culturais, a moda, a comunicação e os cenários da vida cotidiana nas cidades”,⁴³ e vice-versa, enfocando a juventude como capital humano a ser aproveitado economicamente.

Os estilos, grupos, ou “tribos” da juventude continuam, nos estudos recentes (nos quais se insere a presente pesquisa) a ser valorizados como produções culturais legítimas e autônomas, que não apenas imitam o mundo adulto e as instituições tradicionais, mas as articulam de acordo com parâmetros próprios. Os jovens passam a aderir a esses grupos

“quando começam a romper laços com o mundo infantil e familiar e buscar novas referências: o contato com outros jovens amplia a rede de relações sociais, permite novas formas de viver o tempo livre e aumenta a possibilidade de apropriação de alguns espaços do bairro e da cidade”⁴⁴.

Dentro dessa lógica, subculturas juvenis se identificam por adotarem modismos comuns, reconhecendo seus pares fundamentalmente por seu perfil

⁴² *Idem*. Página 94.

⁴³ *Idem*. Página 96.

⁴⁴ *Idem*. Página 38.

específico de consumo de determinados bens culturais: música, roupa, adereços, postura, comportamento, que adotam para afirmar valores próprios e se diferenciar dos demais grupos. É relevante lembrar, e Groppo reforça essa questão, que as escolhas feitas no supermercado cultural estão condicionadas ao meio social do qual faz parte o indivíduo, de modo que “*de cada recorte sociocultural – classe social, estrato, etnia, religião, mundo urbano ou rural, gênero, etc. – saltam subcategorias de indivíduos jovens*”⁴⁵ com representações próprias. As subculturas seriam reinterpretações que os segmentos jovens fazem dos problemas, das potencialidades e dos rumos possíveis da sociedade que os cerca.

Catani e Gilioli argumentam que a multiplicidade de estilos possibilita diferentes formas de vivência da condição juvenil⁴⁶ e corresponde a espaços de socialização autônomos e paralelos àqueles representados pelas instituições formais tradicionais como a escola, a igreja, o serviço militar, etc. Entretanto, além de os sujeitos *se identificarem* diante de si próprios, de seus pares e da sociedade enquanto portadores de uma cultura juvenil, eles podem *ser identificados* enquanto tal por outros segmentos etários ou instituições (Estado, família, mídia, organizações), que elegem alguns traços como definidores da sua essência. Segundo Luís Groppo, ao longo de todo o século XX, desenvolveram-se agências juvenis controladas por adultos, que defendiam a ideia de que para integrar realmente os jovens na sociedade, seria necessário atribuir a eles desde logo papéis específicos que mantivessem uma identidade ideal comum e uma vivência grupal dos jovens. É o caso dos escoteiros, dos centros de orientação vocacional, e das agências mantidas por organizações especificamente políticas ou religiosas “*que procuravam o comprometimento dos jovens com as metas específicas da organização e o desenvolvimento da lealdade desses*”⁴⁷ – tais como a juventude nazista, o *komsomol* soviético ou a Ação Popular católica no Brasil.⁴⁸

Nesse sentido

“tanto o entendimento das culturas juvenis segundo sua autonomia, quanto segundo as visões elaboradas pelo mundo

⁴⁵ GROPPPO, Luís Antonio. *Op. Cit.* Página 15.

⁴⁶ CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Souza Porto. *Op. Cit.* Página 27.

⁴⁷ GROPPPO, Luís Antonio. *Op. Cit.* Página 45.

⁴⁸ Luís Groppo afirma basear esta argumentação no trabalho de Shmuel Eisenstadt (EISENSTADT, S. N. **De geração a geração**. Coleção Estudos/41, São Paulo: Perspectiva, 1976)

adulto têm sua importância e contribuem para levantar múltiplos elementos que compõem uma percepção mais ampla acerca dessa fase da vida humana”⁴⁹

No que diz respeito à escolha feita pelos jovens em aderir a uma instituição religiosa (tal como a Igreja católica, como um todo, ou a RCC, mais especificamente) é de fundamental importância que sejam avaliados, ambos, a visão elaborada sobre os jovens pelo mundo adulto composto pelas lideranças destas instituições e o entendimento que estes jovens têm de si mesmos, avaliação que se propõe nos dois próximos capítulos, através dos discursos papais, dos materiais de formação da RCC e das respostas obtidas em entrevista com jovens em questão.

⁴⁹ CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Souza Porto. *Op Cit.* Página 16.

Capítulo 2:

Idealizações, expectativas e interpretações católicas e carismáticas do jovem elaboradas pelo mundo adulto.

Este capítulo dedica-se a analisar a visão elaborada sobre a identidade jovem pelo mundo adulto católico em dois momentos: primeiro, a partir dos discursos dos dois últimos papas em atividade, a “*Carta aos Jovens*”, de João Paulo II e a coletânea de textos de Bento XVI intitulada “*Bento XVI fala aos jovens: A proposta da vocação cristã no mundo contemporâneo*”, que traduzem a posição da mais alta hierarquia da Igreja, desde a década de 1980 até a primeira década do século XXI, em relação a essa categoria de fiéis. Em um segundo momento, serão analisados os materiais de formação dos dois Ministérios da Renovação Carismática Católica voltados para a juventude, o Ministério Jovem e o Universidades Renovadas, que propõem ao jovem brasileiro um caminho de catolicidade próprio, embora busque consonância com o discurso tradicional e hierárquico da Igreja.

A carta⁵⁰ de João Paulo II⁵¹ aos jovens foi escrita em Roma pelo pontífice em março de 1985, sétimo ano de seu Pontificado, em razão deste ano ter sido proclamado pela Organização das Nações Unidas como o “Ano Internacional da Juventude”.

Neste documento, João Paulo II caracteriza a juventude como o período da vida em que – ao contrário da infância e da plena maturidade – há a mais intensa descoberta e formulação do “eu”, isto porque, segundo o autor, é nesta etapa que o indivíduo programa, escolhe, prevê e assume suas decisões pela primeira vez, de maneira autônoma e pessoal. Decisões estas que terão importância para o futuro num aspecto tanto estritamente pessoal quanto social. É por esse motivo

⁵⁰ João Paulo II. **Carta aos Jovens**. São Paulo: Quadrante, 1985.

⁵¹ Karol Józef Wojtyła, conhecido como João Paulo II desde sua eleição ao papado em 1978, nasceu em Wadowice, uma pequena cidade a 50 quilômetros de Krakow, na Polônia, em 18 de maio de 1920. Seu pontificado foi um dos mais longos na História da Igreja, durando aproximadamente 27 anos (até 2005). Dedicou-se intensamente ao público jovem, estabelecendo inclusive a criação das Jornadas Mundiais da Juventude. As 19 JMJ celebradas durante seu papado reuniram milhões de jovens de todas as partes do mundo e seguiram acontecendo mesmo depois de sua morte. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii 9/6/2012.

que o papa considera estar no âmago da juventude fazer interrogações constantes e insistentes sobre os problemas do mundo, sobre o valor e o sentido da vida, sobre como alcançar a vida eterna, etc. Também está no âmago de ser jovem se sentir instável na fé e em dúvida diante dos inúmeros caminhos oferecidos pelo mundo moderno.⁵²

A resposta de João Paulo II a essas questões é Deus: só Ele é o fundamento último de todos os valores e dá um sentido decisivo à existência humana. Por este motivo, um dos passos mais importantes para o jovem traçar seu projeto de vida e solucionar seus questionamentos, é rezar, criar um relacionamento pessoal com Deus.⁵³ Outro passo, segundo o papa consiste em observar o código de moralidade presente nos dez mandamentos e, dessa forma, manter a consciência limpa: ser, desde os anos da juventude uma pessoa de consciência, de princípios, que inspire confiança e mereça crédito. Diz o autor aos jovens:

“A personalidade moral, assim formada, constitui ao mesmo tempo a contribuição mais importante que vós podeis dar para a vida comunitária, para a família, para a sociedade, para a atividade profissional e também para a atividade cultural ou política e, por fim, para a própria comunidade da Igreja.”⁵⁴

Um dos pontos morais bastante enfatizados pelo pontífice é o que diz respeito os princípios da moral conjugal cristã. É na juventude que ocorre a maior mudança da alma e do corpo, parte fundamental da descoberta e formulação do “eu” e das primeiras experiências do amor e das funções ligadas à feminilidade e à masculinidade. Segundo o autor, impõe-se na sociedade um modelo “progressista” ou “moderno” do amor entre o homem e a mulher em que o sujeito torna-se objeto e todo o vasto conteúdo de amor é reduzido a um prazer egoísta em essência – e mesmo os filhos, que deveriam ser considerados frutos do amor, passam a ser vistos como um incômodo. “A civilização materialista e a civilização do consumo” penetram no amor conjugal, paternal e maternal despojando-o de seu conteúdo humano que é reflexo divino. João Paulo II apela aos jovens que não se deixem levar por esse modelo deformado, empobrecido e falseado e

⁵² João Paulo II. **Carta aos Jovens**. *Op. Cit.* Página 8-9.

⁵³ *Idem*. Página 11.

⁵⁴ *Idem*. Página 20.

optem por um amor verdadeiro, responsável e exigente, mesmo que tenham que se opor às opiniões correntes e à propaganda.⁵⁵

Outro caminho apontado pelo pontífice para encontrar o sentido e o projeto de vida é a descoberta da “vocação para a vida”. Trata-se do chamado divino a um ideal a realizar, algo que é confiado por Deus ao homem como uma tarefa. Está incluído aqui, evidentemente, o chamado à vida religiosa - a vocação em que um homem ou uma mulher, mediante votos de castidade, pobreza e obediência, adotam como seu projeto de vida o projeto realizado pelo próprio Jesus Cristo⁵⁶. João Paulo II dedica alguns parágrafos aos possíveis jovens vocacionados para a vida religiosa, afirmando que este chamado não deve ser sufocado, ao contrário, deve ser desenvolvido mediante a oração e a fidelidade moral aos mandamentos. Depois do Concílio Vaticano II, no entanto, passou-se a adotar a consciência de que é universal o chamado à santidade (e não restrito aos membros da vida religiosa) e que esta pode ser alcançada por qualquer indivíduo, através dos próprios talentos, do trabalho, da família e das experiências cotidianas.⁵⁷ A juventude é o tempo de discernimento dos talentos e da preparação e instrução para o trabalho.

Por fim, o pontífice afirma que é necessário que o jovem desenvolva a auto-educação para que não ceda às tentações do mundo moderno. É próprio e espontâneo da juventude o desejo de liberdade, no entanto, ser verdadeiramente livre não significa, de forma alguma, fazer tudo que lhe apetece, ou o que sente o impulso de fazer. “A liberdade contém em si o critério da verdade, a disciplina da verdade. Ser verdadeiramente livre significa usar a própria liberdade para aquilo que é um verdadeiro bem”.⁵⁸ Assim, o jovem deve se auto-educar nessa verdade: construir, com esforço, perseverança e paciência a consciência do que é verdadeiramente bom. Tendo esta consciência, segundo João Paulo II, o jovem não cederá à tentação

“do criticismo exasperado, que desejaria discutir tudo e pôr tudo em questão; ou à tentação do ceticismo em relação aos valores tradicionais, do qual se resvala facilmente para uma espécie de

⁵⁵ *Idem.* Página 34-38.

⁵⁶ *Idem.* Página 27-28.

⁵⁷ *Idem.* Página 32.

⁵⁸ *Idem.* Página 47.

cinismo petulante, quando se trata de enfrentar os problemas do trabalho, da profissão e do próprio matrimônio.”⁵⁹

Também não cederá à tentação da comercialização do divertimento, que afasta o indivíduo de viver bem a vida e o arrasta para a passividade, o egoísmo e o isolamento. Não se deixarão ameaçar pelas técnicas publicitárias, que incentivam o jovem a fugir do esforço prometendo satisfação imediata de todos os desejos, nem pelo consumismo, que insinua que o homem se realize através do prazer de adquirir bens materiais. Os jovens com consciência do que é verdadeiramente bom não confundirão, segundo o pontífice, liberdade com fuga às responsabilidades, nem mergulharão no mundo ilusório do álcool e da droga, das efêmeras relações sexuais sem compromisso (uma vez que respeita o matrimônio e a família), da indiferença, do cinismo ou até da violência.⁶⁰

Em conclusão, o jovem deve estar sempre alerta contra o engodo de um mundo que quer explorar e manipular a busca enérgica de felicidade e orientação, própria da juventude e estar sempre pronto a dar uma resposta vitoriosa a todo a aquele que questionar acerca daquilo que anima suas boas atitudes.

A coletânea de textos⁶¹ de Bento XVI⁶² reúne excertos escritos pelo atual pontífice entre 2005 e 2010 em que ele reforça a preocupação da formação católica do jovem em meio ao mundo moderno. Segundo o papa o mundo vive em dramática e contínua transformação e a juventude – mergulhada em questionamentos de qual o sentido e finalidade da vida e de que orientação seguir – teme tomar decisões definitivas (como a de ser católico, por exemplo), e ter de abrir mão de sua liberdade e disponibilidade.

Este temor deve encontrar sossego no exemplo dos jovens que *“manifestam a aspiração de construir relações autênticas de amizade, a conhecer o verdadeiro amor, a fundar uma família unida e de alcançar uma estabilidade*

⁵⁹ *Idem*. Página 48.

⁶⁰ *Idem*.

⁶¹ **Bento XVI fala aos jovens**: A proposta da vocação cristã no mundo contemporâneo (2005-2010).

⁶² O Cardeal Joseph Ratzinger, conhecido como Papa Bento XVI desde sua eleição ao papado em 2005, nasceu em Marktl am Inn, Alemanha, no dia 16 de abril de 1927. De 1962 a 1965, prestou serviço ao Concílio Vaticano II como consultor teológico. Desempenhou durante sua vida intensa atividade científica o que o levou a desempenhar importantes cargos ao serviço da Conferência Episcopal Alemã e na Comissão Teológica Internacional. Possui numerosas publicações e doutoramentos *honoris causa*. É o atual pontífice em atividade. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi 9/6/2012.

*peçoal e uma segurança real, que possam garantir um futuro sereno e feliz*⁶³ ao invés de se apoiar nos exemplos daqueles que cedem a um amor comercial, egoísta, que se usa sem respeito a si ou ao próximo, incapaz de castidade e de pureza, proposto pela mídia e pela internet, que dá a ilusão por um momento, mas não traz felicidade e serenidade plenas.

Para Bento XVI é fundamental que os jovens não caiam no que ele chama de “relativismo difuso” da modernidade em que não existem verdades, nem pontos de referência o que gera insegurança, instabilidade, desorientação e conformismo às modas do momento.⁶⁴ É necessário ter a coragem de tomar decisões definitivas, ter raízes e bases sólidas, que são as únicas que realmente tornam possível a conquista de coisas grandiosas na vida, que não aniquilam a liberdade, ao contrário, possibilitam a sua exata orientação.⁶⁵

Por esse motivo, o pontífice argumenta que optar por deixar Cristo entrar na própria vida em nada cerceará a liberdade do jovem, ao contrário, trará plenitude. Ao estabelecer um diálogo e uma experiência de amizade pessoal com Cristo, através da leitura do Evangelho, da oração e da prática dos sacramentos, o jovem poderá adquirir uma fé madura e sólida, compreender a vontade divina e, por consequência, a própria vocação – ou a maneira com que Deus espera que ele caminhe rumo à santidade.

Na era da globalização, Bento XVI espera que os jovens levem a fé cristã a todo o mundo. Afirma que “*quem descobriu Cristo não pode deixar de conduzir também os outros a Ele*”.⁶⁶ uma vez amigo de Cristo, deve-se atrair para Ele os próprios amigos, promovendo a evangelização e o apostolado, e não guardando só para si a alegria encontrada.

Nestes discursos, podem-se perceber três pontos principais em que os pontífices baseiam suas expectativas e interpretações da juventude: primeiro, *a oferta de estabilidade no mundo moderno*, segundo, *a importância dada aos discursos antimodernidade, à moralidade e à tradição para a salvação e felicidade*, e terceiro, *a expectativa da participação jovem nos processos de evangelização*.

⁶³ **Bento XVI fala aos jovens.** *Op. Cit.* Página 17.

⁶⁴ *Idem.* Página 19.

⁶⁵ *Idem.* Página 13.

⁶⁶ *Idem.* Página 7.

Em um mundo globalizado, sob contínuas transformações, o jovem, quando começa a romper laços com o mundo infantil e familiar e buscar novas referências, se depara com uma sociedade que enfatiza inúmeras possibilidades de escolhas, mas que, ao mesmo tempo, restringe acessos e oportunidades de inserção produtiva, cultural e política.⁶⁷ O jovem encontra-se destituído de espaços seguros e garantidos de sociabilidade, num quadro de incerteza, instabilidade e sem perspectivas sólidas para o futuro. Sem estas perspectivas fica difícil encarar o presente enquanto cenário de construção ou projeto para uma vida futura estável.⁶⁸ Neste processo o que ganha força é a “experimentação”, o “aqui e agora”:

“o comportamento juvenil da atualidade é, então, compreendido como a busca continuamente reiniciada pela vivência do presente – percebido como tempo de flexibilidade e de mobilidade, de ausência de compromisso, em que o lazer e a aventura têm um papel predominante e a possibilidade da emergência de perspectivas e dimensões novas para a existência é sempre valorizada.”⁶⁹

Neste contexto insere-se a interpretação de João Paulo II, do jovem enquanto ser instável, de constantes interrogações e dúvidas, bem como, enquanto ser temeroso diante da tomada de decisões definitivas que ameaçariam sua liberdade e disponibilidade, tal como interpreta Bento XVI.⁷⁰ Consequência disso é a oferta feita pelos papas de Deus e do catolicismo como espaço de estabilidade frente ao mundo. A adesão ao religioso se apresenta como tentativa de reconquistar o futuro enquanto lugar estável e o presente enquanto tempo de projetá-lo. “*A demanda por um projeto de vida passa a ser ancorada no religioso, tornando-se parte de um projeto divino*”.⁷¹ Assim, de acordo com os pontífices, através de um relacionamento íntimo com Deus, da oração, da leitura do

⁶⁷ NOVAES, Regina. **Os Jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo**. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. Página 158.

⁶⁸ SOFIATI, Flávio Munhoz. **Religião e Juventude: os jovens carismáticos**. São Paulo: USP, 2009. Página 18-20.

⁶⁹ AUGUSTO, Maria H. O. **Retomada de um legado intelectual**: Marialice Foracchi e a sociologia da Juventude. In: *Tempo Social*, vol. 17, n. 2. São Paulo: USP, Nov 2005. Apud SOFIATI, Flávio Munhoz. *Op. Cit.* Página 21.

⁷⁰ Trata-se de um contexto paradoxal: o jovem sofre angustia e medo de ficar “sobrando” na sociedade, mas ao mesmo tempo teme fazer planos definitivos e aniquilar outras possibilidades de existência que ainda não conhece.

⁷¹ SOFIATI, Flávio Munhoz. *Op. Cit.* Página 21.

Evangelho, dos sacramentos e da observância moral, ou seja, da prática religiosa, o jovem será capaz de desenvolver uma fé madura e de compreender a maneira como Deus espera que ele caminhe rumo ao futuro: a chamada “vocação”.

O segundo ponto de argumentação presente nos discursos corresponde às orientações papais de moralidade e de rejeição das “tentações” do mundo moderno. Essa postura faz parte da iniciativa da instituição em retomar a legitimidade de sua autoridade e de seus agentes nos mais diversos âmbitos sociais. É a resposta da Igreja frente aos efeitos objetivos da secularização e da concorrência moral.

Ao longo da modernidade, segundo Luis Groppo, a juventude, justamente por se tratar do estágio da vida em que mais intensamente se define a identidade particular – tal como interpreta João Paulo II – foi considerada um estágio perigoso e frágil da vida dos indivíduos. Assim, os jovens foram vistos como mais propícios a contraírem toda espécie de males: doenças do corpo e da mente, perversão sexual, preguiça, delinquência, uso de drogas, etc.⁷² Sob o ponto de vista da Igreja, seriam os jovens os mais propícios a sofrer os efeitos da secularização e a adquirir hábitos considerados imorais e avessos à tradição católica. Com base nisso, João Paulo II e Bento XVI discutem o conceito de “liberdade”, negando que ser livre seja “fazer tudo que lhe apetece” (como sugere o mundo moderno), e afirmando que se trata de “fazer livremente aquilo que é bom”. Cabe ao jovem, na expectativa dos pontífices, conhecer o que bom e controlar seus próprios impulsos com relação àquilo que não é, num processo de “auto-educação”.⁷³

Há nos discursos papais, sobretudo, uma ênfase no discurso ético-sexual. A crítica central está na adoção moderna do que Danilo Martucceli⁷⁴ chama de “amor-companheirismo”, em detrimento do tradicional “amor eterno”. O amor-companheirismo seria o processo de procuras e indefinições de parceiros até uma

⁷² GROPPPO, Luís Antonio. *Op. Cit.* Página 58.

⁷³ Este conceito aproxima-se do conceito de salvação por meio do “auto-aperfeiçoamento”, de Max Weber. Trata-se da tentativa de obter a salvação através do distanciamento do não-divino – tudo aquilo que se refere ao hábito cotidiano do corpo humano e do mundo tal como dado pela natureza. WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: UNB, 2004. *Apud* SOFIATI, Flávio Munhoz. *Op. Cit.* Página 36.

⁷⁴ MARTUCCELI, D. **Figuras y dilemmas de la juventud em La modernidad**. Movimento. Revista de Faculdade de Educação da UFF, 2000. Página 45. *Apud* CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Souza Porto. *Op. Cit.* Página 84.

suposta estabilização, além da reivindicação do sexo não só como atividade procriativa, mas admitindo a legitimidade de outras formas de amar, visando apenas o prazer. A postura dos pontífices é intransigente quanto a este assunto e afirma que o “amor-companheirismo” deve ser descartado em benefício da estabilidade e da segurança, que a tradição religiosa se propõe a oferecer, como discutido anteriormente.

Por fim, os pontífices ancoram nos jovens uma forte expectativa de evangelização, que consistiria em mostrar-se vitorioso quando questionado sobre suas atitudes e crenças bem como em convidar os amigos, um a um, a conhecer Jesus Cristo e a felicidade, a estabilidade e a plenitude que ele oferece. Esse processo ganha visibilidade na medida em que contra-ataca a secularização e a concorrência religiosa, tentando angariar adeptos entre aqueles que não professam nenhuma crença religiosa, aqueles que estão afastados da Igreja e também aqueles em transito entre experiências religiosas diversas.

2.1 Um caminho: os direcionamentos oferecidos ao jovem católico brasileiro na RCC.

A juventude do movimento carismático no Brasil está organizada a partir de dois ministérios⁷⁵: Ministério Jovem (MJ) e Ministério Universidades Renovadas (MUR). O MJ possui papel importante, de acordo com Flávio Sofiati, pois procura articular temas, programas e metodologias de evangelização voltadas para o público juvenil participante dos Grupos de Oração. Paralelamente aos grupos de oração, de estudo da Bíblia e da doutrina católica, são desenvolvidas uma série de atividades que buscam fortalecer a identidade carismática e a adesão do jovem ao movimento. O MJ organiza eventos como o “Virado Radical” que tem a proposta de evangelizar em locais públicos como praças, escolas, praias, locais de lazer e campos de futebol, organiza retiros vocacionais e de formação humana, além de oferecer versões carismáticas de entretenimento como as

⁷⁵ No Brasil, a RCC é organizada de forma hierarquizada e especializada. Um conselho nacional reflete e avalia suas ações, que são passadas a ambitos estaduais, diocesanos até culminar nas bases sociais que são os grupos de oração. Os serviços são especializados através dos ministérios: Arte, Família, Criança, Comunicação, Cura e Libertação, Jovem, Pregação, Sacerdotes, Seminaristas, Universidades Renovadas, Fé e Política, Promoção Humana, Formação, Intercessão. Disponível em www.rcc.com.br

Cristotecas, Barzinhos de Jesus, Carnafolias de Jesus, Raves Católicas, programas de TV juvenis etc. às quais o Ministério chama de “lazer no Espírito”.⁷⁶

A apostila de formação “Mistério Jovem: práticas de vida e relacionamento” foi elaborada, segundo seus próprios autores Aldo Quiroga e Fabiana Flores, diante do desejo de ver jovens resgatados e libertos da escravidão do pecado e da fé mal vivida, e da necessidade que percebem de multiplicar e espalhar no meio da juventude aquilo que a Igreja ensina.⁷⁷ A proposta é que a leitura deste material seja feita pelos formadores e pregadores e que estes, de forma didática, criativa e particular, transmitam o conteúdo aos jovens de suas comunidades (como em um encontro que alterne pregações, momentos de animação com música e momentos de adoração, por exemplo⁷⁸).

O conteúdo é dividido em sete capítulos: “Sonho de Deus”, “Relacionamento com Deus”, “Relacionamento consigo mesmo”, “Relacionamento com os outros”, “Sexualidade e o plano de Deus”, “Castidade: por quê e para quê” e “Sonhando com Deus”. Nos dois primeiros, os autores enfatizam o relacionamento do jovem com um Deus amoroso, que deve ser aprofundado por meio de oração intimista, do louvor e do Batismo no Espírito, da obediência aos dez mandamentos, do conhecimento das sagradas Escrituras e pela veneração da Tradição e do Magistério da Igreja. Neste ponto, afirma-se que se deve incentivar o jovem a buscar conhecer os escritos dos Papas e dos Bispos, a quem foi confiado unicamente o ofício de interpretar autenticamente a Palavra de Deus.⁷⁹

Além de conhecer Deus profundamente, espera-se que o jovem conheça profundamente a si mesmo, assunto abordado no terceiro capítulo, num argumento que remete ao de João Paulo II sobre a auto-educação. Segundo os autores, o jovem carismático vive em uma sociedade capitalista e de consumo, mas não pertence a ela, ao contrário pertence ao Reino Divino, motivo pelo qual

⁷⁶ SOFIATI, Flávio Munhoz. **Religião e Juventude: os jovens carismáticos**. São Paulo: USP, 2009. Página 111.

⁷⁷ Os autores afirmam que o conteúdo presente na apostila baseia-se “no Catecismo da Igreja Católica, no Magistério e na Tradição”. QUIROGA, Aldo; FLORES, Fabiana. **Ministério Jovem: Formação Humana**. 1ª edição, s/ data. Página 5.

⁷⁸ A apostila traz um apêndice ao final do texto sugerindo uma programação de horário e atividades para a transmissão dos conteúdos em um encontro de final de semana (do início do sábado ao fim do domingo). Também traz o apêndice “namoro”, um breve texto sobre o ideal de namoro cristão. *Idem*, página 48.

⁷⁹ QUIROGA, Aldo; FLORES, Fabiana. *Op. Cit.* Página 14.

deve reavaliar as próprias atitudes, estar atento aos próprios sentimentos e desenvolver um profundo autoconhecimento de modo que busque uma inserção satisfatória nessa sociedade, mas não adote os critérios por ela oferecidos para avaliar a si mesmo: não deve se deixar sufocar pelos padrões estéticos impostos pela sociedade, nem adotar determinados comportamentos sociais com vista apenas à obtenção de segurança e aceitação. Os comportamentos impulsivos devem ser submetidos ao intelecto e à força de vontade, para não comprometer o amadurecimento humano e a santidade.⁸⁰

Nos demais capítulos, existe a ênfase no discurso ético-sexual, em consonância com os discursos papais, apontando normas de conduta aos jovens de forma bastante objetiva. Segundo os autores, é fundamental que os jovens não se deixem enganar pelo pseudo-amor oferecido pela sociedade dessacralizada em que as pessoas e os relacionamentos só valem a pena quando trazem vantagens de fama, dinheiro, projeção e prazer. Além disso, a sexualidade, descrita como o exercício equilibrado do feminino e do masculino, deve ser vivida em castidade, ou seja, estar submetida ao autocontrole: o ato sexual só deve ocorrer depois do casamento, como resposta a vocação de constituir família e procriar, e todas as desordens na vivência da sexualidade (luxúria, fornicação, pornografia, prostituição e homossexualidade) podem ser curadas pelo Senhor.⁸¹

É interessante perceber que, no discurso carismático, os traços eleitos como definidores da essência juvenil, bem como as expectativas projetadas sobre este nicho de fiéis, são consonantes aos princípios doutrinários e às ideias das mais altas hierarquias da Igreja. Por outro lado, as estratégias utilizadas para ganhar o comprometimento e lealdade dos jovens com as metas específicas da organização – os programas televisivos, Cristotecas, Raves Católicas citados por Sofiati – são absolutamente autônomos e demonstram o esforço não só de diversificar as ofertas religiosas tradicionais, mas de oferecer versões sacralizadas de lugares, eventos e espaços “mundanos” que competem com a Igreja pela atenção dos jovens.

A tensão gerada entre fazer uso dos meios que a modernidade disponibiliza e manter a fidelidade aos princípios doutrinários é justamente o que

⁸⁰ *Idem.* Página 19-21.

⁸¹ *Idem.* Página 23-37.

coloca a RCC no cerne da perspectiva *Religião-Modernidade*, “vislumbrando as transformações internas que o próprio ethos católico sofre, sobretudo quando em contato com as novas tecnologias e visões de mundo”.⁸²

As aeróbicas de Jesus, os shows-missa, os trio-elétricos de oração, as bandas de rock cristão inserem o jovem num processo que Marcelo Camurça descreve como a imbricação de práticas religiosas ao *ethos* da vida moderna: os discursos são conservadores – de oposição aos costumes mundanos como o sexo-livre antes do casamento, uso de preservativos, homossexualidade, etc. – mas o formato é “ultramoderno”.⁸³

Na dinâmica de empréstimos e influências mútuas entre os dois polos da relação – religião e mundo secularizado – nos mecanismos de construção da identidade do jovem carismático e de seu sentimento de pertença e lealdade, insere-se também o Ministério Universidades Renovadas.

2.1.1 Ministério Universidades Renovadas (MUR).

O MUR trabalha com grupos de oração dentro do universo das universidades em duas frentes: com os estudantes, a partir de Grupos de Oração Universitários (GOU) e com os já graduados, a partir da Partilha de Profissionais (GPP). O material elaborado sobre o MUR⁸⁴ analisado aqui foi publicado em 2008 e é a décima publicação da série intitulada “*RCC responde*” em que diversos temas do universo carismático são esclarecidos em forma de perguntas e respostas.⁸⁵ O formato, bastante didático, elucida em 50 questões dados históricos, organizacionais e da “razão de ser” do ministério. Trata-se de uma síntese da proposta estratégica do MUR.

Desde a década de 1980 alguns jovens carismáticos reuniam-se em grupos de oração no ambiente universitário, porém de forma dispersa e sem um projeto claro. A organização efetiva e em nível nacional dos GOUs só ocorreu em

⁸² CARRANZA, Brenda. **Perspectivas da neopentecostalização católica**. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo. Op. Cit. Página 49.

⁸³ CAMURÇA, Marcelo. **Tradicionalismo e meios de comunicação de massa**. Op. Cit. Página 67.

⁸⁴ CORREIA, Irecê. **“RCC responde 10: Universidades Renovadas”**. Equipe Nacional de Serviço do MUR. Brasil, 2008.

⁸⁵ Fazem parte da série os temas: Demônios e exorcismo, Dom de línguas, Ministério de Promoção Humana, Grupos de Perseverança, entre outros.

meados da década de 1990, quando o jovem estudante de veterinária, Fernando Galvani, da Universidade Federal de Viçosa-MG, refletindo sobre um trecho de Atos dos Apóstolos⁸⁶, em que os primeiros cristãos eram perseguidos em Jerusalém, associou-o à realidade dos jovens universitários católicos carismáticos, perseguidos em um espaço em que a falta de fé imperava,⁸⁷ e decidiu levar à organização da RCC a proposta de evangelização no meio universitário.

A questão 15 do documento – “como o MUR pode participar da comunidade universitária” – afirma que o ministério pode promover (além dos grupos de oração), missas, trotes solidários, monitorias acadêmicas, palestras, debates de interesse acadêmico-científico e que divulguem os valores do Evangelho, bem como procurar espaço em Centros Acadêmicos, Diretórios Centrais e locais de ação política e social “onde muitas vezes se estabelecem ideias e práticas contrárias ao Evangelho.”⁸⁸

Segundo o sociólogo Carlos Eduardo Procópio, os universitários carismáticos dedicam-se a discutir fé e política para mapear que atividades deverão ser desenvolvidas e que propostas deverão ser defendidas por eles

“na universidade, quando da sua participação nos diretórios e centros acadêmicos, e na sociedade, quando da sua participação em campanhas eleitorais. A intenção é salvaguardar os valores cristãos e colocar-se de forma incisiva nos debates sobre variadas questões, sobretudo as que vão de encontro aos princípios da moral católico-carismática, como o aborto, o homossexualismo, a eutanásia.”⁸⁹

Contudo, a defesa moral católica no ambiente universitário, segundo Procópio, não se faz por meio de mero exercício proselitista: para convencer os demais de que seus argumentos são legítimos, os jovens carismáticos lançam mão de fundamentos científicos e humanistas que corroborem com suas proposições, fazendo uso de elementos presentes na própria universidade.⁹⁰ Ou, seja, não só elementos do religioso permeiam o espaço tradicionalmente secular,

⁸⁶ At 5, 28.

⁸⁷ CORREIA, Irecê. “**RCC responde 10: Universidades Renovadas**”. *Op. Cit.* Página 11.

⁸⁸ *Idem.* Página 18.

⁸⁹ PROCÓPIO, Carlos Eduardo. **A RCC na Universidade**: transformando o campo de conhecimento em campo de missão. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecilia; CAMURÇA, Marcelo. *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida SP: Idéias & Letras, 2009. Página 97.

⁹⁰ *Idem.* Página 97.

mas os conhecimentos adquiridos na universidade permeiam a identidade e o argumento religioso do jovem.

Neste mesmo sentido, as questões de 31 a 37 do documento versam sobre os GPPs, grupos voltados para os jovens recém formados, que se identifiquem com a missão do exercício pleno de ser sinal de Deus no mundo por meio de suas profissões.⁹¹ Estes grupos, segundo Procópio, estão ligados ao imaginário universitário católico-carismático de que o diploma leva seus portadores a posições privilegiadas, sobretudo as de liderança, e que o jovem poderia influenciar áreas estratégicas da sociedade.⁹² Ou seja, espera-se que o jovem divulgue os fundamentos da doutrina em seu espaço profissional, e torne a presença de Deus em sua vida uma referência de comportamento.

A atuação deste ministério trata, assim como a sacralização de espaços seculares feita pelo Ministério Jovem, de uma participação jovem na negociação entre duas realidades, cada uma com *ethos* próprio e propostas de mundo diversas – a religião e a universidade. Negociação esta que caracteriza a postura da Igreja no contexto de concorrência moral.

A partir destes quatro documentos percebe-se, portanto, um discurso uníssono na interpretação que os segmentos adultos fazem da juventude como um todo e da sociedade que os cerca, bem como um discurso uníssono na definição dos *papéis* específicos idealizados para os jovens católicos e carismáticos dentro desta sociedade. A apostila de formação do Ministério Jovem e as diretrizes estratégicas do MUR nada mais fazem do que oferecer, de maneira autônoma, caminhos e estratégias de efetivação destes papéis esperados. No próximo capítulo, avalia-se, a partir de entrevistas, como os jovens carismáticos entendem e concebem que são, ou seja, como elaboram sua *identidade*.⁹³

⁹¹ CORREIA, Irecê. “**RCC responde 10: Universidades Renovadas**”. *Op. Cit.* Página 29-33.

⁹² PROCÓPIO, Carlos Eduardo. A RCC na Universidade. *Op. Cit.* Página 96.

⁹³ Manuel Castells faz a seguinte diferenciação entre papéis e identidades: “papéis são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade [...] identidades, por sua vez, constituem fontes de significados para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação”. CASTELLS, M. **O Poder da Identidade**, v.2. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Página 23. Apud FERNANDES, Sílvia Regina Alves. *Jovens Religiosos e o Catolicismo: Escolha, desafios e subjetividades*. Rio de Janeiro: Quartet, 2010. Página 208.

Capítulo 3:

Identidade juvenil carismática: interpretações e resignificações próprias.

O objetivo do capítulo final é, portanto, identificar de que maneira os jovens carismáticos interpretam e dão sentido a sua própria identidade. Trata-se de compreender o *efetivo alcance* da significação que os conteúdos de consciência religiosos elaborados pelo mundo adulto tiveram para a conduta e auto-identificação dos jovens que participam do movimento católico carismático, bem como identificar *possíveis resignificações* elaboradas de maneira autônoma por eles. Para tal, são analisadas as respostas obtidas em questionário aplicado no segundo semestre de 2011 com jovens carismáticos do Grupo de Jovens “Leão de Judá” da RCC da Arquidiocese de Curitiba.

O contato com o grupo Leão de Judá ocorreu por intermédio da coordenação geral da RCC em Curitiba, que forneceu meios de contato (telefone, endereço) de alguns Grupos de Jovens que realizavam seus encontros em paróquias e comunidades da cidade. Os aproximadamente vinte jovens do Leão de Judá reuniam-se aos domingos, por volta das 19 horas, em encontros que duravam entre uma ou três horas, na Capela Imaculada Conceição no bairro Água Verde (região central e de fácil acesso a jovens de outros bairros). Em duas destas reuniões foi realizada observação participante do cotidiano dos entrevistados.⁹⁴

O questionário aplicado consistia em quatro questões abertas – de respostas livres, não limitadas por alternativas apresentadas, em que o entrevistado pode escrever livremente sobre o tema que lhe é proposto⁹⁵ – e padronizadas – apresentadas a todas as pessoas exatamente com as mesmas palavras e na mesma ordem, de modo a assegurar que todos os entrevistados

⁹⁴ Segundo Mirian Goldenberg, observar as pessoas para ver como se comportam e conversar para descobrir as interpretações que têm sobre as situações pode servir como elemento de comparação às respostas dadas ao questionário, uma vez que o pesquisador terá dificuldade de ignorar fatos que contrariam suas hipóteses pré-concebidas (sua subjetividade) e o entrevistado terá dificuldade de manipular, o tempo todo, impressões que poderiam afetar a avaliação do pesquisador. GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2005. Página 47.

⁹⁵ *Idem*. Página 86.

respondessem à mesma pergunta, sendo as respostas mais facilmente comparáveis⁹⁶. Os jovens responderam de forma escrita, via correio virtual, e discorreram sobre a sua opinião acerca da juventude atual, do ideal que têm sobre os jovens católicos, sobre o que os levou a participar da RCC e se conhecem e consideraram a participação em outros grupos católicos. A primeira questão, “*Qual a sua opinião sobre a juventude atualmente?*” buscou promover reflexão sobre o posicionamento dos jovens sobre si mesmos e seus pares, num contexto mais abrangente. Com a segunda questão, “*Em sua opinião, que características o jovem católico deve ter?*”, buscou-se promover reflexão dos jovens sobre si e seus pares em um contexto mais específico e avaliar o grau de consonância entre o ideal dos entrevistados e o ideal descrito nos materiais analisados anteriormente. Com a quarta questão, “*O que (ou quem) te levou a participar das atividades da RCC? Qual o diferencial da RCC?*” buscou-se perceber os mecanismos efetivos de evangelização e que elementos tiveram efeito atraente para a manutenção do jovem na instituição. Por fim, a última questão, “*Você já ouviu falar de outros grupos católicos, tais como Opus Dei, Teologia da Libertação, Aautos do Evangelho, etc.? Se sim, qual a sua opinião sobre eles?*”, buscou analisar como esses jovens que professam a fé católica percebem outras denominações também católicas – contrastando ou neutralizando suas distinções identitárias.

Participaram da pesquisa seis jovens em idades entre 15 e 31 anos,⁹⁷ sendo três do sexo feminino e três do sexo masculino. Cinco dos entrevistados são naturais de Curitiba e apenas um de Telemaco Borba, interior do Paraná. Três cursam o Ensino Médio, dois o Ensino e Superior e um já concluiu a graduação. Todos concordaram em ter seus nomes divulgados.

A elaboração das questões e análise das respostas encontram referências teóricas, principalmente, nas autoras Mirian Goldenberg e seu livro “A arte de pesquisar” de 1997, e Sílvia Regina Alves Fernandes, quem desenvolveu extensa pesquisa, com base em entrevistas orais, com jovens, moças e rapazes,

⁹⁶ *Idem.*

⁹⁷ Não foi pré-estabelecido um limite etário aos possíveis participantes da pesquisa. Foram entrevistados aqueles que participavam assiduamente do grupo, que se auto-definiram enquanto jovens e que se disponibilizaram a participar.

ingressantes em ordens religiosas, publicando em 2010 seu livro “Jovens religiosos e o catolicismo”.

Quando questionados sobre sua opinião acerca da juventude atual, como um todo, os jovens carismáticos manifestaram-se em duas linhas: uma de tom mais acusatório em que o jovem é visto como consumista, desintegrado, imediatista, sem senso religioso, etc. e outra de tom um pouco mais conciliatório em que o jovem é reconhecido por suas potencialidades.⁹⁸

“A juventude de hoje, esta meio perdida no próprio tempo e vive alienada por conceitos que o mundo oferece. [...] Como li em um texto: A juventude não tem força para nada, sua energia vital não cria nada a não ser a auto-destruição e destruição do nosso planeta, [...] estão conformados com a realidade fria e morta da tecnologia que cumpre papel de aliená-los e programá-los conforme os interesses dos manipuladores da sua realidade. Assim nossa juventude emprega a sua força motriz para girar a roda grosseira do capitalismo, desejando beleza fabricada e uma felicidade fabricada” (Mariane, 20 anos)⁹⁹

“[A juventude está] Relativamente perdida, ultimamente nenhum jovem procura a Deus, não que nós do grupo de oração sejamos exceções, mas os jovens não se interessam muito” (Clayton, 16 anos).

“A juventude está perdendo a inocência [...]. Está indo mais cedo à bebida, sexo entre outras coisas.” (Felipe, 19 anos).

Estas três primeiras respostas refletem uma visão profundamente pessimista em relação à juventude e não apontam saídas para esse segmento. O discurso assemelha-se com parte dos discursos papais e dos documentos carismáticos analisados no capítulo anterior, na medida em que avaliam a juventude como “perdida” e vítima do sistema, em meio a uma sociedade que enfatiza inúmeras possibilidades de escolhas, ficando suscetível às influências do consumismo e a hábitos como sexo descompromissado e uso de drogas, considerados ruins, imorais e auto-destrutivos – como define a jovem entrevistada. Os outros três jovens manifestaram-se de maneira um pouco diversa:

⁹⁸ Sílvia Fernandes desenvolveu reflexão semelhante com seus entrevistados e os resultados obtidos foram bastante semelhantes. FERNANDES, Sílvia Regina Alves. **Jovens Religiosos e o Catolicismo: Escolha, desafios e subjetividades**. Rio de Janeiro: Quartet, 2010. Página 66-93.

⁹⁹ Os colchetes [] representam inserções ou supressões feitas pela pesquisadora. As respostas integrais e os dados de cada entrevistado encontram-se em anexo ao fim do texto.

“A juventude tem experimentado muito do que o mundo oferece, mas os jovens que já estão no caminho têm cada vez com mais sede de Deus.” (Letícia 16 anos).

“Não é a mesma de antes. Está "bagunçada" e não sabe o poder que têm em suas mãos, como se fossem alienados (claro que não são todos). Podemos mudar o mundo só falta a força de vontade e a união.” (Maria, 15 anos)

“Atualmente devido às mudanças em nossa sociedade a juventude tem muitas dificuldades, pois faltam referências, a mídia secular sempre em busca de audiência mostra exemplos [...] e comportamentos que acabam confundindo muitos jovens [...]. A juventude tem sede de Deus, porém muitas vezes a Igreja não consegue chegar onde eles estão, então o "mundo chega" muito mais rapidamente, porém este "mundo" chega com soluções rápidas de "descartáveis" e o jovem continua vazio. É missão da Igreja [...] trabalhar fortemente para evangelizar a juventude.” (Jean, 31 anos).

Por um lado, estas manifestações refletem, em consonância com as anteriores, uma visão da juventude enquanto frágil, confusa, cooptável pela mídia, sem referências no mundo moderno, por outro, preocupam-se em não fazer generalizações, em propor uma solução ou em não culpabilizar exclusivamente os jovens pela situação em que se encontram (culpando, ao contrário, a mídia secular, por exemplo). As ideias de Jean, da existência de uma “corrida” entre o “mundo” e a Igreja para alcançar o jovem e trazer-lhe soluções, fazem coro à ânsia que a Renovação Carismática possui em exercer forte antagonismo ao mundo secular, com o qual concorre, e em afirmar veementemente os valores morais tradicionais da Igreja – expressos nos documentos papais voltados aos jovens.

Neste sentido, a solução apresentada pelos entrevistados para que o jovem encontre seu lugar em uma realidade tão instável é a mesma oferecida pela instituição a qual pertencem (a RCC, mais localmente e a Igreja Católica, mais amplamente): Deus. Ter sede de Deus, ser alcançado pela evangelização da Igreja Católica e ter força de vontade, são as características tidas como “boas”, significam “estar no caminho certo”, em oposição às demais, “mundanas” e ruins.¹⁰⁰ Neste sentido, cabe analisar, quais foram as respostas dadas pelos

¹⁰⁰ Os jovens parecem reduzir a visão de juventude ideal à de “juventude católica” como se defendessem o lema “jovem bom é jovem da Igreja” – presente, em certo nível, entre os entrevistados de Silvia Fenandes (*Idem*. Página 67) – a não ser Clayton ao afirmar “não que nós do grupo de oração sejamos exceções”, e se permitir incluir na realidade jovem por ele descrita.

entrevistados diante do questionamento de *que características o jovem católico deve ter:*

“[O jovem católico] deve ter o coração aberto a novidades, mudanças na vida, ter coragem de seguir seus sonhos e lutar para evangelizar e viver em Cristo” (Felipe, 19 anos).

“[O jovem católico] deve ter muita humildade e obediência, seguir os dogmas da Igreja Católica (principalmente ir pelo menos uma vez por semana à Santa Missa). Deve ter ousadia e coragem para falar de Deus ao próximo, e querer saber e viver cada vez mais os ensinamentos de Jesus Cristo.” (Letícia, 16 anos).

“[O jovem católico] deve ter fé, amor no coração, perseverança, não ter vergonha de dizer que participa da Igreja e que ama a Deus [...]” (Maria, 15 anos).

“O jovem católico deve ser sinal de Cristo no Mundo, deve ser referencia para os outros, estar inserido em sua realidade (estudo, trabalho, família, amigos) e ali testemunhar sua fé, vivendo os valores cristãos, sabendo da sua natureza pecadora, deve se aceitar, mas nunca desistir de testemunhar. Uma coisa muito importante é não ser ignorante sobre sua fé, saber exatamente o que a Igreja pensa sobre os assuntos que geralmente são criticados em ambientes de universidades etc. Saber conviver com quem não tem a mesma fé, ou não tem fé, e dialogar procurando mostrar que a religião faz diferença em sua vida.” (Jean, 31 anos).

Estes quatro depoimentos sintetizam o ideal do jovem católico ao redor da evangelização – baseada na coragem, e não vergonha, em falar de Deus - e da obediência e conhecimento dos dogmas da Igreja e dos ensinamentos de Jesus Cristo, de maneira muito semelhante ao ideal elaborado pelo mundo adulto carismático, que exalta a leitura do Evangelho e a Tradição da Igreja. O depoimento de Jean, que já passou pelo ambiente universitário, remete às orientações expressas, mais especificamente, pelo Ministério Universidades Renovadas¹⁰¹, debatidas no capítulo anterior: espera-se do jovem católico que ele saiba se posicionar em determinados debates e ambientes de forma harmônica à Igreja e que viva cotidianamente de forma também harmônica à Igreja, buscando ser referência evangelizadora de comportamento para as demais pessoas que o cercam, no trabalho, na escola, em meio aos amigos, em posições de liderança, etc.

¹⁰¹ O Grupo Leão de Judá possui frentes de atuação nas universidades, organizando GOUs a partir da iniciativa de membros que vivam neste universo. Há informações sobre este assunto no site do grupo <http://www.grupoleaodejuda.com>

Os depoimentos de Clayton e Mariane caminharam em sentidos diversos aos dos demais:

“[O jovem católico deve ter] fogo, muito fogo, não é fogo normal, mas sim fogo no Espírito [...]” (Clayton, 16 anos)

“[...] Estamos NO mundo, mas não somos DO mundo. As atitudes devem ser diferentes, como parar de mendigar amor do mundo, parar de achar que a felicidade está na bebida, no sexo, na droga, nas festas. Acho que podemos viver e aproveitar nossa realidade, nossa juventude e até coisas que o mundo nos oferece, mas sempre pensando no que Jesus faria. Acho que o texto ‘Santos de calça jeans’ do Beato João Paulo II diz bastante também.” (Mariane, 20 anos).

O primeiro, para definir a juventude *católica*, utiliza-se de uma das características *carismáticas* essenciais, o fogo do Espírito Santo, ou seja, da valorização do sentimento, do emocional na oração de louvor (que pode se manifestar por meio dos dons de línguas, imposição de mãos, etc.). Para esse jovem, o ideal de *ser católico* está intimamente ligado ao *ser carismático*. Isto pode ser decorrência de um contato exclusivo, ou predominante, do jovem com as formas de celebração (das missas, inclusive) carismáticas. De acordo com Silvia Fernandes, há dioceses, como a do Rio de Janeiro, em que as novas gerações conheceram quase que exclusivamente o modo celebrativo da RCC e, embora existam resistências, desde o ano 2000, a assimilação desse *ethos* tem se ampliado em meio aos fiéis católicos.¹⁰²

O segundo depoimento, de Mariane, baseia o ideal identitário do jovem católico em oposição à juventude como um todo (aquela descrita na primeira questão como perdida e entregue ao “mundo”). A autenticidade do jovem católico é, neste discurso, afirmada com base na *negação* da semelhança com os demais, ou seja, traça fronteiras simbólicas, de diferenciação, entre “nós” e “eles”. Segundo Silvia Fernandes, essa autenticidade é construída com base num processo de distinção que pode redundar numa crítica radical do “outro”: a situação enunciada sobre a juventude como um todo não é a mesma que eles, católicos, experimentam, logo irão avaliá-la negativamente.¹⁰³

¹⁰² FERNANDES, Sílvia Regina Alves. **Jovens Religiosos e o Catolicismo**. *Op. Cit.* Página 273.

¹⁰³ *Idem*. Página 89.

Neste processo de diferenciação, a jovem entrevistada afirma que a juventude católica *está* no mundo, embora *não* seja do mundo – pertence, na realidade, ao Reino Divino. Afinadíssima às ideias elucidadas nos discursos papais, que ela afirma ter tido contato, e materiais de formação de RCC, a jovem estende o argumento no sentido da possibilidade de aproveitar a realidade, a juventude e as coisas mundanas conquanto que de forma cristã. A crença nesta possibilidade está no cerne do desenvolvimento, por parte da RCC, de versões cristãs de espaços, festas e entretenimentos tradicionalmente considerados mundanos (como já discutido no capítulo anterior). Durante o tempo de observação participante realizada junto ao Grupo Leão de Judá, pode-se perceber que esta mescla entre elementos seculares e religiosos faz parte do cotidiano do grupo, que possui site na internet, frentes de atuação nas universidades, encontros animados com música e participação na organização de eventos carismáticos. Na ocasião da pesquisa, os participantes iniciavam os preparativos para a promoção da Primeira Costelada Católica Sertaneja.¹⁰⁴

Partindo disso, cabe analisar qual é o diferencial atribuído pelos jovens entrevistados à RCC e o que (ou quem) os levou a aderir a ela:

“Quem me levou a participar da RCC foi uma amiga, mas eu continuei principalmente por causa do próprio grupo de oração que ela me levou [...] Leão de Judá. Lá me senti acolhida e [...] tive meu encontro com Deus.” (Letícia, 16 anos).

“Eu fui convidado por [...] integrantes do Grupo de Jovens Leão de Judá. [...] fiz um retiro de primeiro anúncio e fui chegando cada vez mais perto de Deus, rezando mais, tendo uma vida mais Santa de acordo com os ensinamentos [...]” (Felipe, 19 anos).

“Venho de uma família que participa da igreja. [...] Já tinha ouvido falar da RCC por meio de meus pais e meus avós. O que me levou a participar mesmo da RCC foi um convite que recebi [...] na catequese, em que me convidaram a participar do retiro e, logo, ao grupo Leão de Judá. [...] É um movimento que usa a música, o teatro, a oração e a palavra para evangelizar.” (Maria, 15 anos)

“Cresci em uma família católica, e quando tinha meus 3/4 anos eles começaram a participar da RCC. O que me levou a participar ativamente da igreja foi o retiro de 1º anúncio, que participei. Acho que o carisma é diferente, de viver pentecostes e o batismo no Espírito Santo.” (Mariane, 20 anos).

¹⁰⁴ A Primeira Costelada Católica Sertaneja ocorreu no dia 4 de Dezembro de 2011, na Chácara do Apavoro em Piraquara, região metropolitana de Curitiba.

“[Quem me levou a participar foram] meus familiares. [O diferencial] realmente são as atividades com mais ‘fogo’, mais alegria, não é o convencional que a Igreja Católica oferece, tanto que quando a RCC foi criada ela veio como uma volta da Igreja Católica. Não podemos ser fracos e “cinzas”, temos que ser perseverantes em Cristo e com MUITA alegria.” (Clayton, 16 anos).

“Nasci numa família Católica e Carismática, fui educado na Fé, porém até a adolescência não via muita diferença em ir a igreja ou não ir. Então fiz um encontro [...] de um grupo de jovens da Pastoral da Juventude, chamado JUVENIL [...], fui sendo inserido mais na igreja, comecei a tocar e cantar, participar de encontros de jovens nesse grupo [...]. Meus pais sempre assistiam a TV Canção Nova, eu [...] sempre acabava dando um espiadinha e ouvia as músicas, no fundo eu sabia que a RCC era uma maneira muito eficaz de viver o Evangelho, pois neste movimento havia bastante estudo da palavra, orações e louvores sempre buscando a conversão e uma religião verdadeira, chamando os católicos a serem [...] praticantes verdadeiramente. [...] fiz um encontro para músicos, onde senti muito fortemente “algo diferente”, senti a unção de Deus, o Espírito Santo [...], depois fiz outro encontro em Curitiba [...] onde tive a experiência com o dom de línguas e cada vez mais fui me identificando com a RCC. [...] Lembrando que é RCC é apenas um movimento dentro da Igreja Católica e que outros movimentos e pastorais também possibilitam as pessoas viverem a mesma coisa.” (Jean, 31 anos).

Percebe-se, pelos depoimentos que a evangelização, ou a cooptação da juventude para dentro do movimento, conta, em pelo menos quatro dos seis depoimentos, com a influência recebida no seio familiar e com o convite à participação feito particularmente ao jovem (por amigos, ou outros sujeitos). Ou seja, a evangelização baseia-se muito mais em *mecanismos tradicionais da Igreja Católica*, do que no apelo midiático massivo que faz a RCC. Este resultado vai de encontro às constatações de autores como Flávio Sofiati, por exemplo, segundo o qual,

“no início o movimento se espalhou através de um sistema de difusão espontânea. Porém hoje essa difusão espontânea não parece mais ser fundamental para a sobrevivência do movimento, pois existe um esquema promocional de marketing comandado por um sistema de comunicação bem organizado que difunde a RCC através de programas de rádio, TV, editoras, folhetos, jornais, etc.”¹⁰⁵

¹⁰⁵ SOFIATI, Flávio Munhoz. **Religião e Juventude**. *Op. Cit.* Página 87.

Apenas um dos entrevistados citou a rede de televisão Canção Nova como parte relevante na formação de sua consciência de que talvez a RCC pudesse interessá-lo.¹⁰⁶

Por outro lado, os mecanismos atrativos para a manutenção dos jovens na Renovação, os eventos decisivos para que continuassem a frequentar o movimento, estão intimamente ligados às *novidades que este movimento representa no seio da Igreja*: os retiros, o uso da música e do teatro e, mais importante, o Batismo no Espírito Santo. Para pelo menos três dos entrevistados o “sentimento diferente” provocado pela experiência de pentecostes é o maior diferencial. O jovem Clayton cria uma profunda distinção entre o “convencional que a Igreja Católica oferece”, tido como fraco e cinza, e o que a RCC instiga: a perseverança e a alegria. De fato, durante a observação participante realizada junto ao Grupo Leão de Judá, percebeu-se a importância dada à expressão visível de emoção na oração, por meio de ambientação (luzes apagadas, música bastante animada ou lenta conforme o sentimento que se espera causar), do contato físico (estímulo a abraçar-se, dar as mãos), e da manifestação dos dons do Espírito.

O entrevistado Jean fez questão de deixar claro que, apesar da sua identificação com o movimento carismático, reconhece que existem outros movimentos e pastorais que também possibilitam as pessoas viverem “a mesma coisa”. Cabe aqui avaliar, qual o posicionamento dos jovens quando questionados sobre se conheciam outros grupos de denominação também católica embora com estratégias de atuação distintas à RCC (como Opus Dei, Teologia da Libertação, Arautos do Evangelho, etc.)¹⁰⁷. Diante da questão, uma das jovens respondeu

¹⁰⁶ Cabe levar em conta, que a pesquisa realizada abrange a realidade específica dos jovens da região central da capital do Paraná. Este resultado é circunstancial e mostra uma parcela do fenômeno, e não a totalidade.

¹⁰⁷ O Opus Dei (do latim “Obra de Deus”) é uma prelazia pessoal (grupo eclesial com dirigente próprio – o Prelado) da Igreja Católica, fundada em 1928 na Espanha por Josemaría Escrivá. Defendem o chamado universal à santidade e o valor santificador do trabalho. Os membros são leigos e sacerdotes. Alguns leigos que pretendem dedicar-se mais intensamente à prelazia, praticam o celibato e vivem em centros masculinos ou femininos (www.opusdei.org.br 20/6/2012). Os Arautos do Evangelho são uma associação privada de fiéis de direito pontifício fundada no Brasil em 2001, por João Clá Dias. Buscam viver com perfeição todos os atos da vida diária. É composta predominantemente por jovens, que vivem em comunidade (masculinas ou femininas), praticam celibato e alternam a vida de recolhimento, estudo e oração com atividades de evangelização (<http://www.arautos.org.br> 20/6/2012). Teologia da Libertação é um movimento católico de teologia política, surgido por volta da década de 1960 na América Latina. Interpretam os ensinamentos de Cristo com objetivo de promover libertação de injustiças econômicas, políticas

que “não” e dois responderam que já haviam ouvido falar, mas não souberam opinar a respeito. Os três outros deram sua opinião:

“Sim. Conheci a maioria por meio da minha família e estudos/participações que fizem. Acho muito bonito o trabalho dos Arautos do Evangelho, outros não tenho uma opinião formada ainda.” (Mariane, 20 anos).

“[Sim]. São maneiras de mostrar aos jovens como é linda a vida em Cristo como podemos viver em paz de espírito e Tentar mudar o mundo.” (Felipe, 19 anos).

“Sim. [...] Igreja é muito rica em vários movimentos e grupos, todos com o objetivo de aproximar as pessoas de Deus. [...] Gosto muito do Opus Dei, tenho amigos que se converteram neste movimento e seu fundador é um Santo, já a teologia da libertação não se pode dizer hoje que é um grupo católico, pois é condenada pela Igreja, por não pregar Jesus Salvador e sim [...] um Jesus Social que visa dar apenas condições materiais para as pessoas [...]. Os Arautos do Evangelho [...] até onde sei [...] são muito bons, pois obedecem ao Papa e preservam com grande amor a liturgia e a devoção Mariana. Existem outros como os Focolares que em seu Carisma vivem a Unidade, sua fundadora foi muito importante para a paz mundial [...]” (Jean, 31 anos).

É possível perceber, por um lado, pouca informação por parte dos jovens acerca de outras propostas católicas de atuação e, por outro, uma aceitação bastante positiva da existência destas propostas por parte daqueles que as conhecem. Todos os três jovens que se manifestaram apontaram outros movimentos católicos como trabalhos bonitos e válidos nos processos de conversão de fiéis e vivência diária do catolicismo, desde que obedecem às altas hierarquias da Igreja Católica e não contradigam ou ignorem as Sagradas Escrituras (o que excluiria a validade da Teologia da Libertação, segundo o entrevistado).

Percebe-se aqui que, se para afirmar sua identidade enquanto *católicos* os jovens fundam sua argumentação na oposição aos demais (os jovens “do mundo”, perdidos), o mesmo não acontece para afirmar sua identidade enquanto *carismáticos*. A vivência do catolicismo por meio da RCC, não implica necessariamente o descarte dos demais “caminhos”. No entanto, cabe discutir até

ou sociais. Os Focolares, citados pelo entrevistado, surgiram na Itália por volta de 1940, tendo como fundadora Chiara Lubich. O movimento tem como objetivo unir, construindo pontes de diálogo entre as diferenças, toda a humanidade em fraternidade espiritual, de modo que “todos sejam um”. Trata-se de acentuar a dimensão comunitária da vida cristã em detrimento da experiência espiritual pessoal (<http://focolares.org.br> 20/6/2012).

que ponto *ser carismático* corresponde, na experiência destes jovens, a totalidade do sentido de *ser católico*, uma vez que poucos demonstraram conhecer outras possibilidades de exercer sua catolicidade. Como citado anteriormente, existem pessoas e até dioceses inteiras que desenvolveram, por anos, um contato exclusivo, ou predominante, com as formas de celebração carismáticas, de forma que ser católico e ser carismático são situações aparentemente indistintas.

Este predomínio da oferta da RCC aos jovens entrevistados em detrimento de outros grupos pode estar associado ao que Gordon Mathews descreve como “pressões do meio social” que restringem as opções no supermercado cultural.¹⁰⁸ O fato de a RCC possuir programas e canais na televisão, padres cantores, editora própria, sites na internet e promover grandes eventos, amplamente divulgados, pode colocá-la em maior visibilidade nas “prateleiras” do supermercado cultural, enquanto outros grupos, com menor expressividade de adeptos e maior discricção, ficam em “prateleiras” longe da vista do consumidor. Da mesma maneira, pelo fato de as identidades individuais caminharem entrelaçadas às coletivas e em negociação com elas, a circunstância de a família do jovem já participar de um movimento, pode direcioná-lo mais rapidamente ou, mais ainda, pressioná-lo, a seguir o mesmo caminho.

Em linhas gerais, a partir das respostas dadas às quatro questões propostas, percebe-se que a juventude carismática interpreta a sua própria identidade levando em alta conta os conteúdos interpretativos elaborados pelo mundo adulto (Papás, líderes carismáticos) a seu respeito – e a respeito da sociedade e da juventude como um todo. Os jovens carismáticos assumem para si o papel atribuído pelas hierarquias da Igreja, enquanto sujeitos corajosos no empreendimento da evangelização e firmes no embate contra a secularização e a imoralidade do mundo moderno. Ao mesmo tempo, ancoram sua escolha pela participação na RCC em elementos autônomos desta instituição tal como a emoção e alegria das celebrações e a sacralização de elementos tradicionalmente seculares.

¹⁰⁸ Vide capítulo 1 deste trabalho. MATHEWS, Gordon. *Op. Cit.* Página 57.

Considerações finais.

A trajetória de análise deste estudo, organizado em três partes, teve o intuito de dar sentido e buscar respostas aprofundadas às perguntas enunciadas na introdução, acerca de como a Igreja Católica e, mais especificamente a RCC, veem o jovem e como se dirigem a ele, para atraí-lo e mantê-lo em seus organismos de funcionamento, bem como acerca de como os jovens adotam, rejeitam ou resignificam estas visões no processo de construção da sua auto-imagem.

Em meio a um universo, descrito no primeiro capítulo deste estudo, em que a formação da identidade cultural está sujeita a uma vasta gama de possibilidades de escolha em um supermercado cultural, em que os bens simbólicos oferecidos pelas religiões competem entre si e contra o avanço da secularização, e em que a multiplicidade possibilita diferentes formas de vivência da condição juvenil, couberam as análises feitas nos dois demais capítulos.

Pode-se perceber que, os discursos papais voltados à juventude partem do pressuposto de que as condições socioculturais e biológicas dos jovens – descoberta do próprio corpo, puberdade, primeiras decisões autônomas, etc. – os colocam como um dos segmentos sociais mais expostos aos dilemas vividos pela sociedade como todo. Um dos dilemas principais, para os pontífices, é o do sentimento de instabilidade e ausência de valores permanentes que dificultam aos jovens formularem perspectivas para o futuro. Neste sentido, os papas oferecem o catolicismo enquanto lugar de valores permanentes, tradição e moralidade, que prometem ao jovem estabilidade. Os discursos são enfáticos em argumentos anti-modernidade, moralistas, principalmente no cerne ético-sexual, e enfatizam a importância da fidelidade aos mandamentos de Deus e da Igreja e aos processos de evangelização.

O conteúdo dos documentos de produção carismática traduz o conflito modernidade-religião próprio deste movimento ao mesmo tempo intransigente e midiático. Sintetizam e reproduzem os ideais elaborados pelas altas hierarquias: contrapondo-se ao clima dessacralizado, plural e permissivo da cultura em geral, a RCC cobra de seus jovens membros um programa de vida no qual a

espiritualidade e a fidelidade doutrinal e moral católicas constituem o eixo central.¹⁰⁹ Por outro lado, suas estratégias voltadas para o jovem, tomam emprestados elementos do mundo secularizado que tradicionalmente seriam atraentes aos jovens (música, festas, programas de televisão, etc.) e elaboram versões católicas, que oferecem aos membros como alternativa santa, em detrimento das demais opções. Isto sem contar a busca pela revitalização religiosa de espaços seculares como as Universidades.

Na percepção dos próprios jovens carismáticos, expressas no terceiro capítulo, ser “diferente”, em uma sociedade em que os jovens são “iguais” e percebidos de modo negativo, é visto como ganho de causa de quem se dedica a Deus. Assim, a instituição religiosa recebe, por parte dos jovens, segundo Sílvia Fernandes, *“uma determinada capacidade de inflar um estatuto permanente de regeneração e resgate, sendo ela mesma promotora ou incentivadora do desenvolvimento das virtudes necessárias aos jovens contemporâneos.”*¹¹⁰

Nesse sentido, percebe-se que a juventude carismática conta com as expectativas e idealizações feitas a seu respeito pela instituição católica e carismática, para interpretar, dar sentidos e contornos a sua própria identidade e assume para si o papel por elas atribuído. Ao mesmo tempo, os jovens justificam sua adesão à RCC principalmente pela emoção, alegria e pela experiência místico-religiosa manifestada através dos sentidos – características próprias do movimento de pentecostalização católica. Embora alguns autores¹¹¹ afirmem que o caráter emocional da RCC caracterizaria um processo de desinstitucionalização, o que se percebeu aqui foi o oposto: na medida em que experimentaram o caráter afetivo e místico do movimento, tornaram-se mais afeitos a institucionalização e a vinculação com o catolicismo.¹¹²

Assim, o trabalho desenvolvido permitiu levantar alguns aspectos que atravessam e constituem a formação da identidade cultural e religiosa dos jovens participantes da Renovação Carismática Católica. Como explícito no título da

¹⁰⁹ Todos os membros da RCC estão sujeitos a essa cobrança. VALLE, Edênio. **A Renovação Carismática Católica. Algumas observações.** Revista Estudos Avançados, n.18, 2004. Página 102.

¹¹⁰ FERNANDES, Sílvia Regina Alves. **Jovens Religiosos e o catolicismo.** Op. Cit. Página 93.

¹¹¹ Sílvia Fernandes cita Eliane Martins como defensora desta ideia. Idem. Página 271.

¹¹² Sílvia Fernandes em sua pesquisa com jovens ingressantes na vida religiosa consagrada chegou a resultado semelhante. Idem.

pesquisa, a opção pelo trabalho com documentação carismática oferece uma “*perspectiva*” das construções de identidades culturais jovens dentro do catolicismo: as fontes aqui utilizadas correspondem a uma pequena parcela de um volumoso conjunto documental que perpassa outras formas de “ser jovem” em diferentes denominações e formas de “ser católico”. Mesmo dentro da RCC, seguramente, existe ainda muito a ser conhecido sobre identidade jovem, em futuras pesquisas, por meio de outros documentos e contato com grupos de oração de diferentes localidades e realidades.

Referências bibliográficas.

Documentação:

João Paulo II. **Carta aos Jovens**. São Paulo: Quadrante, 1985.

Bento XVI. **Bento XVI fala aos jovens**: A proposta da vocação cristã no mundo contemporâneo (2005-2010).

QUIROGA, Aldo; FLORES, Fabiana. “**Ministério Jovem: Formação Humana**”. 1ª edição. Editora RCC. s/ data.

CORREIA, Irecê. “**RCC responde 10: Universidades Renovadas**”. Equipe Nacional de Serviço do MUR. Editora RCC: Brasil, 2008.

Bibliografia Consultada:

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

BELLOTTI, Karina Kosicki. “**Mídia, Religião e História Cultural**”. Revista de Estudos da Religião. Nº4, 2004.

BENEDETTI, Luiz Roberto. **Novos rumos do catolicismo**. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecilia; CAMURÇA, Marcelo (orgs). *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida SP: Idéias & Letras, 2009.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Os Mapas, Atores e Números da Diversidade Religiosa Cristã Brasileira: Católicos e Evangélicos entre 1940 e 2007**. Revista de Estudos da Religião dez/2008.

CAMURÇA, Marcelo. **Tradicionalismo e meios de comunicação de massa: o catolicismo midiático.** In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecilia; CAMURÇA, Marcelo. *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno.* Aparecida SP: Idéias & Letras, 2009.

CARRANZA, Brenda. **Perspectivas da neopentecostalização católica.** In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecilia; CAMURÇA, Marcelo. *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno.* Aparecida SP: Idéias & Letras, 2009.

_____. **Catolicismo Midiático.** In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). *As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

_____; MARIZ, Cecília Loreto. **Novas Comunidades Católicas: por que crescem?** In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecilia; CAMURÇA, Marcelo. *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno.* Aparecida SP: Idéias & Letras, 2009.

CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Souza Porto. **Culturas Juvenis: múltiplos olhares.** São Paulo: Editora UNESP, 2008.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. **Jovens Religiosos e o Catolicismo: Escolha, desafios e subjetividades.** Rio de Janeiro: Quartet, 2010.

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude: ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas.** Rio de Janeiro: Difel, 2000

HALL, Stuart. **A Questão da Identidade Cultural**. Tradução de A. B. M. Jacinto e S. M. Frangella. Textos didáticos-IGCH/UNICAMP. Nº 18 – Junho de 2003. 3ª edição.

HALL, Stuart. **A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez.

HERMANN, Jacqueline. **História das Religiões e Religiosidades**. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org). Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia. Campus, 1997.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e Pentecostais: Adesão Religiosa na Esfera Familiar**. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.

MARIZ, Cecília Loreto. **Catolicismo no Brasil Contemporâneo: reavivamento e diversidade**. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MASSENZIO, Marcello. **A História da Religiões na Cultura Moderna**. São Paulo: Hedra, 2005.

MILLER, Daniel. **Consumo como cultura material**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n.28. jul/dez 2007

MATHEWS, Gordon. **Cultura Global e identidade individual à procura de um lar no supermercado cultural**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

NOVAES, Regina. **Os Jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo**. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

Novo Mapa das Religiões / Coordenação Marcelo Côrtes Neri. – Rio de Janeiro: FGV. CPS, 2011.

PROCÓPIO, Carlos Eduardo. **A RCC na universidade: transformando o campo de conhecimento em campo de missão**. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo. *Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida SP: Idéias & Letras, 2009.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Religião e Juventude: os jovens carismáticos**. São Paulo: USP, 2009.

VALLE, Edênio. **A Renovação Carismática Católica. Algumas observações**. Revista Estudos Avançados, n.18, 2004.

Anexos:**Entrevistas com jovens do Grupo Leão de Judá / Curitiba.**

Entrevista 1.

01) Nome: Letícia Montana.

02) Idade: 16 anos.

03) Gênero: Feminino.

04) Cidade natal: Curitiba.

05) Escolaridade: Ensino Médio (cursando).

06) Qual a sua opinião sobre a juventude atualmente?

A juventude tem experimentado muito do que o mundo oferece, mas os jovens que já estão no caminho, têm cada vez com mais sede de Deus.

07) Em sua opinião, que características o jovem católico deve ter?

Deve ter muita humildade e obediência, seguir os dogmas da Igreja Católica (principalmente ir pelo menos uma vez por semana à Santa Missa). Deve ter ousadia e coragem para falar de Deus ao próximo, e querer saber e viver cada vez mais os ensinamentos de Jesus Cristo.

08) O que (ou quem) te levou a participar das atividades da RCC? Qual o diferencial da RCC? Dê seu testemunho!

Quem me levou a participar da RCC foi uma amiga, mas eu continuei principalmente por causa do próprio grupo de oração que ela me levou, o qual participo até hoje, Leão de Judá. Lá me senti acolhida e, com o passar do tempo em que eu fui me entregando cada vez mais, tive meu encontro com Deus. Faz dois anos que eu comecei a participar do grupo de jovens e me pergunto porquê não comecei antes!

09) Você já ouviu falar de outros grupos católicos, tais como Opus Dei, Teologia da Libertação, Arautos do Evangelho, etc.? Se sim, qual a sua opinião sobre eles?

Não.

Entrevista 2.

01) Nome: Mariane dos Santos.

02) Idade: 20 anos.

03) Gênero: Feminino.

04) Cidade natal: Curitiba.

05) Escolaridade: Ensino Superior Incompleto

06) Qual a sua opinião sobre a juventude atualmente?

A juventude de hoje, está meio perdida no próprio tempo e vive alienada por conceitos que o mundo oferece. Seja no estilo de roupa que devem usar, a música que ouvem, o jeito que se portam diante a sociedade (rebeldes ou não), onde devem ir, o que devem fazer, como devem dançar, até o que comer os colocam como legais ou os separam classificando cada um em seu 'grupo'. Como li em um texto: A juventude não tem força para nada, sua energia vital não cria nada a não ser a auto destruição e destruição do nosso planeta, alias a grande maioria não se importam, estão conformados com a realidade fria e morta da tecnologia que cumpre papel de aliená-los e programá-los conforme os interesses dos manipuladores da sua realidade. Assim nossa juventude emprega a sua força motriz para girar a roda grosseira do capitalismo, desejando beleza fabricada e uma felicidade fabricada.

07) Em sua opinião, que características o jovem católico deve ter?

Como esta na Bíblia, estamos NO mundo mas não somos DO mundo. As atitudes devem ser diferentes, como parar de mendigar amor do mundo. parar de achar que a felicidade está na bebida, no sexo, na droga, nas festas. Acho que podemos viver e aproveitar nossa realidade, nossa juventude e até coisas que o mundo nos oferece... mas sempre pensando no que Jesus faria. Acho que o texto Santos de calça jeans do Beato João Paulo II diz bastante também.

08) O que (ou quem) te levou a participar das atividades da RCC? Qual o diferencial da RCC? Dê seu testemunho!

Cresci em uma família católica, e quando tinha meus 3/4 anos eles começaram a participar da RCC. O que me levou a participar ativamente da igreja foi os retiros de 1º anúncio, que participei. Acho que o carisma é diferente, de viver pentecostes e o batismo no Espírito Santo.

09) Você já ouviu falar de outros grupos católicos, tais como Opus Dei, Teologia da Libertação, Arautos do Evangelho, etc.? Se sim, qual a sua opinião sobre eles?

Sim. Conheci a maioria por meio da minha família e estudos/participações que fizeram. Acho muito bonito o trabalho dos Arautos do Evangelho...outros não tenho uma opinião formada ainda.

Entrevista 3.

01) Nome: Clayton Gemba Junior

02) Idade: 16

03) Gênero: Masculino

04) Cidade natal: Curitiba/PR

05) Escolaridade: 2º EM (cursando)

06) Qual a sua opinião sobre a juventude atualmente?

Relativamente perdida, ultimamente nenhum jovem procura à Deus, não que nós do grupo de oração sejamos exceções, mais os jovens não se interessam muito.

07) Em sua opinião, que características o jovem católico deve ter?

Fogo, muito fogo, não é fogo normal mais sim fogo no espírito, só quem é sabe.

08) O que (ou quem) te levou a participar das atividades da RCC? Qual o diferencial da RCC? Dê seu testemunho!

Meus familiares. Realmente são as atividades com mais "fogo", mais alegria, não é o convencional que a igreja católica oferece, tanto que quando a RCC foi criada ela veio como uma volta da igreja católica, não podemos ser fracos e "cinzas", temos que ser perseverantes em Cristo e com MUITA alegria.

09) Você já ouviu falar de outros grupos católicos, tais como Opus Dei, Teologia da Libertação, Aautos do Evangelho, etc.? Se sim, qual a sua opinião sobre eles?

Já sim, não conheço muito, não posso opinar.

Entrevista 4.

01) Nome: Felipe Comunello

02) Idade: 19

03) Gênero: Masculino

04) Cidade natal: Curitiba

05) Escolaridade: Cursando Faculdade

06) Qual a sua opinião sobre a juventude atualmente?

A juventude está perdendo a inocência que tinha na época que eu tinha 14,15 anos. Está indo mais cedo a bebida, sexo entre outras coisas.

07) Em sua opinião, que características o jovem católico deve ter?

deve ter o coração aberto a novidades, mudanças na vida, ter coragem de seguir seus sonhos e lutar para evangelizar e viver em Cristo

08) O que (ou quem) te levou a participar das atividades da RCC? Qual o diferencial da RCC? Dê seu testemunho!

Eu fui convidado por duas pessoas, integrantes do Grupo de Jovens Leão de Judá, eu fui em um encontro e gostei. passei um tempo fiz um retiro de primeiro anúncio e fui chegando cada vez mais perto de Deus, rezando mais tendo uma vida mais Santa de acordo com os ensinamentos. Me tornei Servo do Grupo e Criei um Vínculo Forte com todos e com Deus e não quero mais parar.

09) Você já ouviu falar de outros grupos católicos, tais como Opus Dei, Teologia da Libertação, Arautos do Evangelho, etc.? Se sim, qual a sua opinião sobre eles?

São maneiras de mostrar aos jovens como é linda a vida em Cristo como podemos viver em paz de espírito e Tentar mudar o Mundo.

Entrevista 5.

01) Nome: Maria Fernanda de Miranda Vargas.

02) Idade: 15.

03) Gênero: Feminino.

04) Cidade natal: Curitiba.

05) Escolaridade: Ensino Médio (1º Ano).

06) Qual a sua opinião sobre a juventude atualmente?

Não é a mesma de antes. Está "bagunçada" e não sabe o poder que têm em suas mãos, como se fossem alienados (Claro que não são todos). Podemos mudar o mundo só falta a força de vontade e a união.

07) Em sua opinião, que características o jovem católico deve ter?

Deve ter fé, amor no coração, perseverança, não ter vergonha de dizer que participa da Igreja e que ama a Deus e coragem para enfrentar qualquer barreira que apareça.

08) O que (ou quem) te levou a participar das atividades da RCC? Qual o diferencial da RCC? Dê seu testemunho!

Venho de uma família que participa da igreja tocando na missa, fazendo pregações em cursos e retiros. Minha família toca na Paróquia Sagrado Coração de Jesus todo domingo as 10h30. Sempre rezamos em casa e conversamos sobre tudo. Bom, já tinha ouvido falar da RCC por meio de meus pais e meus avós. O que me levou a participar mesmo da RCC foi um convite que recebi no dia 21/04 na catequese, em que me convidaram a participar do retiro e, logo, ao grupo Leão de Judá. Acho que o diferencial da RCC é que a juventude que está participando de suas atividades não tem medo de mostrar que ama a Deus e que

não tem vergonha de rezar. É um movimento que usa a música, o teatro, a oração e a palavra para evangelizar.

09) Você já ouviu falar de outros grupos católicos, tais como Opus Dei, Teologia da Libertação, Arautos do Evangelho, etc.? Se sim, qual a sua opinião sobre eles?

Os que conheço são: Canção Nova, Shalom, Missionário Shalom (Não sei se é o mesmo, mas acho que sim), Vale de Saron, DDD Doidin de Deus (não tenho certeza se é, acho que é mais uma dupla)

Entrevista 6.

01) Nome: Jean Tlago Baena.

02) Idade: 31 anos.

03) Gênero: Masculino.

04) Cidade natal: Telemaco Borba.

05) Escolaridade: 3 Grau completo.

06) Qual a sua opinião sobre a juventude atualmente?

Atualmente devido as mudanças em nossa sociedade a juventude tem muitas dificuldades, pois faltam referencias, a mídia secular sempre em busca de audiência mostra exemplos que acabam de famílias e comportamentos que acabam confundindo muitos jovens, sobretudo que muitos pais não tem também referencia de valores ou não vivem os mesmos. A juventude tem sede de Deus, porem muitas vezes a Igreja não consegue chegar onde eles estão, então o "Mundo chega" muito mais rapidamente, porem este "mundo" chega com soluções rápidas de "descartáveis" e o jovem continua vazio. É missão da Igreja através de seus Bispos trabalhar fortemente para evangelizar a juventude vejo q esse trabalho tem melhorado, mas precisa melhorar ainda mais.

07) Em sua opinião, que características o jovem católico deve ter?

O jovem Católico deve ser sinal de Cristo no Mundo, deve ser referencia para os outros, estar inserido em suas realidade (estudo, trabalho, família, amigos) e ali testemunhar sua fé, vivendo os valores cristãos, sabendo da sua natureza

pecadora, deve se aceitar, mas nunca desistir de testemunhar. Uma coisa muito importante é não ser ignorante sobre sua fé, saber exatamente o q a Igreja pensa sobre os assuntos que geralmente são criticados em ambientes de universidades etc. Saber conviver com quem não tem a mesma fé ou não tem fé e dialogar procurando mostrar que a religião faz diferença em sua vida.

08) O que (ou quem) te levou a participar das atividades da RCC? Qual o diferencial da RCC? Dê seu testemunho!

Nasci numa família Católica e Carismática, fui educado na Fé, porem ate a adolescência não via muita diferença em ir à igreja ou não ir... então fiz um encontro + - com 13 anos de um grupo de jovens da Pastoral da Juventude, chamado JUVENIL em minha cidade natal Telêmaco Borba ai foi um primeiro contado que me ajudou muito a buscar mais a Deus e me ajudou muito a me relacionar melhor com minha família, porque como adolescente eu era meio "revoltadinho", as vezes gritava ou respondia mal meus pais e brigava com minha Irma... Ai fui sendo inserido mais na igreja, comece a tocar e cantar, participar de encontros de jovens nesse grupo, foi muito bom... Meus pais sempre foram em grupos de oração da RCC, eu ia quando criança depois fui parando (adolescência), fiquei no grupo juvenil que era um bom grupo, porém não muito voltado a busca da Santidade, era mais focado no social... Meus pais sempre assistiam a TV Canção Nova, eu não gostava no inicio, mas sempre acabava dando uma espiadinha, e ouvia as músicas, no fundo eu sabia que a RCC era uma maneira muito eficaz de viver o evangelho, pois neste movimento havia bastante estudo da palavra, orações e louvores sempre buscando a conversão e uma religião verdadeira, chamando os católicos a serem católicos praticantes verdadeiramente... Então algumas pessoas do GO (grupo de oração) em Telêmaco chamaram eu os outros que tocavam nas missas comigo para também tocar e cantar no GO, porem eu não sabia muito como "funcionava" pois não era só chegar em cantar, deveria haver uma certa intimidade com Deus e o Espírito Santo, então começamos, depois meus amigos acabaram saindo e eu fui ficando ate q fiz um encontro para músicos, onde senti muito fortemente "algo diferente", senti a unção de Deus, o Espírito Santo de uma maneira Vida, Real, um amor diferente do já havia sentido... depois fiz outro encontro em Curitiba com o Pe.

Robert de Grandis, onde tive a experiência com o dom de línguas e cada vez mais fui me identificando com a RCC, decidindo-me por fazer parte ativa deste movimento, pois experimentei o que chamamos de Efusão do Espírito Santo ou Batismo no Espírito Santo....Vejo que o Diferencial da RCC é este: La se busca um encontro com Deus de maneira íntima, sentir sua presença através do Espírito Santo, é algo real que realmente muda a vida das pessoas, nos leva a desejar estar com o Senhor, a Ler e estudar sua Palavra, a amar os irmãos e viver a santidade, tendo isso como meta diária. Lembrando que é RCC é apenas um movimento dentro da Igreja Católica e que outros movimentos e pastorais também possibilitam as pessoas viverem a mesma coisa.

09) Você já ouviu falar de outros grupos católicos, tais como Opus Dei, Teologia da Libertação, Arautos do Evangelho, etc.? Se sim, qual a sua opinião sobre eles?

Sim, como disse a Igreja é muito rica em vários movimentos e grupos, todos com o objetivo de aproximar as pessoas de Deus, cada pessoa se identifica com uma maneira, pois muitas são as necessidades da Igreja e Ela deve ter várias formas para que as pessoas possam servir. Gosto muito do Opus Dei, tenho amigos que se converteram neste movimento e seu fundador é um Santo, já a teologia da libertação não se pode dizer hoje que é um grupo católico, pois é condenada pela Igreja, por não pregar Jesus Salvador e sim um Jesus que não é Deus, um Jesus Social que visa dar apenas condições materiais para as pessoas, incentivando-as a "lutarem" por isso esquecendo-se que Jesus é muito mais que isso. Os arautos do evangelho até onde sei são originários desta Teologia, porém não sei muito sobre eles, até onde sei digo que também são muito bons, pois obedecem ao Papa e preservam com grande amor a liturgia e a devoção Mariana. Existem outros como os Focolares que em seu Carisma vivem a Unidade, sua fundadora foi muito importante para a paz mundial e alguns de seus membros estão em processo de beatificação como a Chiara Luce uma Santa que morreu muito jovem e testemunhou sua fé com alegria mesmo debilitada.